



SANGUE IMPETUOSO

A SAGA DO SANGUE FRESCO - VOLUME XII

Tradução de Renato Carreira

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

CHARLAINE HARRIS



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

VOLUMES PUBLICADOS NESTA SÉRIE:

Sangue Fresco
Dívida de Sangue
Clube de Sangue
Sangue Oculto
Sangue Furtivo
Traição de Sangue
Sangue Felino
Laços de Sangue
Sangue Mortífero
Segredos de Sangue
Um Toque de Sangue (contos)
Sangue Ardente

*Julia, isto é para ti.
Amo-te, querida.*



Agradecimentos

Estou grata pelos conselhos e pelo encorajamento dado pelas minhas amigas Dana Cameron e Toni L.P. Kelner. Não conseguiria fazer nada disto sem o meu marido, Hal. Paula Woldan (bffpaula) transformou a minha vida num alegre passeio em vez de uma corrida de obstáculos. E agradecimentos sentidos ao meu agente, Joshua Bilmes da *JABberwocky*, que guarda a entrada da minha caverna.

A minha gratidão sincera a Stefan Diamante do *Body Roxx* pelo seu curso de introdução ao *strip* masculino.



Estava quente como seis infernos, mesmo com a tarde a aproximar-se do fim, e tivera um dia atarefado no trabalho. A última coisa que queria era sentar-me num bar apinhado para ver o meu primo despir-se. Mas era a *Ladies Night* no *Hooligans*, tínhamos combinado a visita dias antes e o bar estava cheio de mulheres uivando e gritando, determinadas em divertirem-se.

Tara, a minha amiga muito grávida, sentava-se à minha direita e Holly, que trabalhava no bar de Sam Merlotte como eu e como Kennedy Keyes, sentava-se à minha esquerda. Kennedy e Michele, a namorada do meu irmão, sentavam-se do outro lado da mesa.

— *Sook-ee* — disse Kennedy, sorrindo-me. Kennedy fora primeira dama de honor no concurso de *Miss Louisiana* alguns anos antes e, apesar da passagem pela prisão, mantinha o físico deslumbrante e a aparência impecável, incluindo dentes capazes de encandear o condutor de um autocarro.

— Fico feliz por teres decidido vir, Kennedy — disse-lhe. — O Danny não se importa? — Ele tinha hesitado durante a tarde. Tive a certeza que ficaria em casa.

— Ei, quero ver uns tipos giros nus. Tu não? — perguntou.
Olhei para as mulheres em redor.

— A não ser que me esteja a escapar alguma coisa, todas vemos tipos nus com regularidade — disse-lhes. Apesar de não tentar ser en-

graçada, as minhas amigas riram de forma estridente. Estavam alegres a esse ponto.

Dissera apenas a verdade. Há algum tempo que namorava com Eric Northman. A relação de Kennedy com Danny Prideaux tinha-se tornado bastante intensa. Michele e Jason praticamente viviam juntos. Tara estava casada e grávida, pelo amor de Deus. E Holly estava noiva de Hoyt Fortenberry, que quase já não vinha ao seu apartamento.

— Tens de estar curiosa, pelo menos — disse Michele, elevando a voz para ser ouvida sobre o clamor. — Mesmo que estejas sempre a ver o Claude por casa. Vestido, mas mesmo assim...

— Sim. Quando vai ter a casa pronta para se mudar? — perguntou Tara. — Quanto tempo é preciso para substituir a canalização?

A canalização da casa de Claude em Monroe estava em perfeito estado, tanto quanto sabia. A ficção da canalização era melhor do que dizer: «O meu primo é uma fada e precisa da companhia de outras fadas por estar exilado. Além disso, o meu tio-avô meio-fada, Dermot, uma fotocópia do meu irmão, veio com ele só porque sim.» As fadas, ao contrário dos vampiros e dos lobisomens, queriam manter a sua existência em grande segredo.

E a suposição de Michele de que nunca teria visto Claude nu estava incorreta. Apesar de o fabulosamente bonito Claude ser meu primo (e de não haver qualquer dúvida de que eu andava vestida por casa), a postura das fadas perante a nudez era completamente casual. Com o seu cabelo negro longo, expressão introspectiva e abdominais esculpidos, Claude era absolutamente avassalador... até abrir a boca. Dermot também vivia comigo, mas era mais modesto nos seus hábitos... talvez por lhe ter explicado o que sentia acerca de parentes de rabo ao léu.

Gostava muito mais de Dermot do que de Claude. Tinha sentimentos contraditórios a seu respeito. Nenhum desses sentimentos era sexual. Na verdade, tinha permitido que voltasse à minha casa muito recentemente e com grande relutância depois de uma discussão.

— Não me importo de o ter e ao Dermot em casa. Ajudaram-me muito — disse, debilmente.

— E o Dermot? Também faz *strip*? — perguntou Kennedy, esperançosa.

— Faz trabalho administrativo aqui. Vê-lo fazer *strip* seria estranho para ti, não, Michele? — perguntei. Dermot era igual ao meu irmão, que estava envolvido com Michele há muito tempo. Muito tempo pelos padrões de Jason.

— Sim. Não conseguiria ver — respondeu. — Talvez apenas para efeitos comparativos! — Todas rimos.

Enquanto continuavam a falar sobre homens, observei o clube em redor. Nunca estivera no *Hooligans* com tanta clientela e nunca viera a uma *Ladies Night*. Havia muita coisa em que pensar. Nos funcionários, por exemplo.

Tínhamos pago o consumo mínimo a uma jovem muito curvilínea com membranas entre os dedos. Sorriu-me quando percebeu que a fitava, mas as minhas amigas nem sequer olharam para ela uma segunda vez. Depois de passarmos a porta interior, tínhamos sido conduzidas aos nossos lugares por um elfo chamado Bellenos, que vira pela outra vez quando me oferecera a cabeça do meu inimigo. Literalmente.

Nenhuma das minhas amigas pareceu notar qualquer coisa diferente em Bellenos, mas não me parecia um homem normal. A sua cabeleira castanha era suave e semelhante a pelagem animal, os seus olhos demasiado afastados eram oblíquos e escuros, as suas sardas eram maiores do que sardas humanas e as extremidades dos seus dentes afiados e longos refletiam as luzes ténues do clube. Quando o conheci, não conseguia camuflar-se como humano. Agora sim.

— Bom proveito, senhoras — disse-nos com voz grave. — Reservámo-vos esta mesa. — Dirigiu-me um sorriso enquanto se voltava para regressar à entrada.

Estávamos sentadas ao lado do palco. Uma placa escrita à mão sobre o centro da toalha dizia: «Grupo de Bon Temps».

— Espero poder agradecer ao Claude de forma muito pessoal — disse Kennedy, com expressão lasciva. Era óbvio que discutira com Danny. Percebia-o. Michele riu-se e tocou no ombro de Tara com um dedo.

Finalmente, havia alguma vantagem em conhecer Claude.

— O ruivo que nos trouxe à mesa era giro, Sookie — disse Tara, algo inquieta. Percebia que pensava no meu amante e marido vampiro, Eric Northman. Calculou que não ficaria feliz por saber que um estranho me lançava olhares.

— Estava apenas a ser simpático por ser prima do Claude — disse-lhe.

— Uma ova! Olhava-te como se fosses uma taça de gelado com pepitas de chocolate — disse. — Queria comer-te.

Estava bastante segura de que tinha razão, mas talvez não no sen-

tido que pretendia dar à palavra. Não conseguia ler a mente de Bel-
lenos, tal como não conseguia ler a mente de qualquer outra criatura
sobrenatural... mas os elfos tinham uma dieta bastante abrangente, por
assim dizer. Esperei que Claude vigiasse de perto a mistura variada de
fae que acumulara ali no *Hooligans*.

Entretanto, Tara queixava-se do cabelo que perdera todo o volu-
me durante a gravidez e Kennedy disse:

— Faz um tratamento com amaciador na *Death by Fashion* em
Shreveport. O Immanuel é o melhor.

— Cortou-me o cabelo uma vez — disse. E todas me olharam
com espanto. — Lembra-se? Quando o queimei?

— Quando o bar foi atacado à bomba — disse Kennedy. — Foi o
Immanuel? Uau, Sookie. Não sabia que o conhecias.

— Um pouco — repliquei. — Pensei em fazer madeixas, mas
foi-se embora. O salão continua aberto. — Encolhi os ombros.

— Todos os grandes talentos abandonam o Estado — referiu
Holly. Enquanto discutiam aquele novo assunto, tentei colocar o tra-
seiro numa posição mais confortável sobre a cadeira metálica dobrável
colocada entre Holly e Tara. Baixei-me cuidadosamente para prender
a bolsa entre os pés.

Enquanto olhava para as clientes excitadas em redor, comecei a
descontrair-me. Certamente conseguiria desfrutar um pouco daquilo?
Afinal, sabia desde a minha visita anterior que o clube estava cheio
de fae deslocados. Estava com amigas preparadas para se divertirem.
Nada impedia que me permitisse partilhar a sua diversão. Claude e
Dermot eram meus parentes e não deixariam que nada de mau me
acontecasse. Não é? Consegui sorrir a Belenos quando veio acender a
vela na nossa mesa e ria-me de uma piada obscena de Michele quando
uma empregada se aproximou para ouvir os nossos pedidos. O meu
sorriso desapareceu. Recordava-a de uma visita anterior.

— Chamo-me Gift e irei ocupar-me de vocês esta noite — disse,
muito simpática. O cabelo era louro brilhante e era muito bonita. Mas,
o meu sangue de fada (culpa de uma enorme indiscrição da minha
avó) permitia-me ver além do exterior atraente da loura. A sua pele
não tinha a tonalidade agradavelmente bronzeada que todos os outros
viam. E sim um verde muito pálido. Os olhos não tinham pupilas... Ou
talvez as pupilas e as íris fossem igualmente negras? Pestanejou-me
quando mais ninguém olhava. Era possível que tivesse duas. Pálpebras.
Em cada olho. Pude reparar porque se curvou para mim.

— Bem-vinda, irmã — murmurou-me ao ouvido, antes de endireitar as costas e sorrir às outras. — O que querem beber? — perguntou com um sotaque perfeito do Louisiana.

— Bom, Gift, quero que saibas que a maior parte de nós trambém trabalha num bar e não te vamos dar dificuldades — explicou Holly.

Gift ampliou o sorriso.

— Agrada-me muito ouvir isso! Não que pareçam clientes complicadas. Adoro a *Ladies Night*.

Enquanto as minhas amigas pediam as bebidas e pratos de *pickles* fritos e *nachos*, olhei novamente em redor para confirmar a minha primeira impressão. Nenhum dos empregados era humano. Os únicos humanos presentes eram as clientes.

Quando chegou a minha vez, disse à Gift que queria uma *Bud Light*. Voltou a curvar-se para mim, dizendo:

— Como está o borracho vampiro, amiga?

— Está ótimo — respondi, hirta. Mesmo que estivesse muito longe da verdade.

Gift tornou:

— És tão gira! — E tocou-me no ombro como se tivesse dito alguma coisa engraçada. — Meninas, está tudo bem? Vou pedir a comida e já vos trago as bebidas. — A sua cabeça clara brilhava como um farol enquanto manobrava habilmente por entre a multidão.

— Não sabia que conhecias os empregados. E como está o Eric? Não o vejo desde o incêndio no *Merlotte's* — disse Kennedy. Era óbvio que tinha ouvido a pergunta de Gift. — É um belo naco de homem. — Acenou com a cabeça em apreciação.

Seguiu-se um coro de concordância entre as minhas amigas. Era verdade que as qualidades estéticas de Eric eram inegáveis. O facto de estar morto era um ponto contra, sobretudo aos olhos de Tara. Conhecera Claude e não percebera que havia nele qualquer coisa diferente. Mas Eric, que nunca tentava passar-se por humano, estaria sempre na sua lista negra. Tara tivera uma experiência má com um vampiro e isso deixara nela uma marca indelével.

— É-lhe difícil sair de Shreveport. Tem estado muito ocupado — disse. E fiquei por aí. Falar sobre os negócios de Eric era sempre insensato.

— Não ficou chateado por vires ver outro tipo despir-se? De certeza que lhe disseste? — perguntou Kennedy, com um sorriso brilhante. Não havia qualquer dúvida de que a relação de Kennedy

com Danny passava por momentos difíceis. Não queria saber por menores.

— Acho que o Eric é tão confiante acerca da sua nudez que não se importa que veja outro homem nu — expliquei. Dissera-lhe que vinha ao *Hooligans*. Não lhe pedira permissão. Como Kennedy dissera sobre Danny: não era meu dono. Tinha aludido à questão para ver como reagiria. As coisas entre nós não andavam muito confortáveis há algumas semanas. Não queria abanar o barco sobre águas revoltas... Não por um motivo tão frívolo.

Como esperara, Eric não levava muito a sério a nossa saída só de raparigas. Por um lado, achava divertidas as atitudes dos americanos modernos perante a nudez. Vira mil anos de noites longas e perdera as suas inibições algures pelo caminho. Desconfiava que nunca teriam sido muito grandes.

O meu querido não apenas se mostrava tranquilo quanto ao meu visionamento dos corpos nus de outros homens como não se preocupava com o local em que pretendia fazê-lo. Parecia não imaginar qualquer perigo no clube de *strip* de Monroe. Até Pam, o seu braço-direito, se limitara a encolher os ombros quando Eric lhe contou o que um grupo de fêmeas humanas pretendia fazer por divertimento.

«Não haverá vampiros lá», disse ela. E, depois de uma provocação sem grande empenho a Eric pela minha vontade de ver outros homens como tinham vindo ao mundo, abandonou o assunto.

O meu primo Claude tinha aberto as portas do *Hooligans* a todos os tipos de fae deslocados desde que os portais para Faery tinham sido fechados pelo meu bisavô Niall. Fizera-o por impulso, numa inversão repentina da sua política prévia de mistura livre entre fae e humanos. Nem todas as fadas e outros fae que viviam no nosso mundo tiveram tempo de regressar a Faery antes do fecho dos portais. Um portal muito pequeno, situado na floresta atrás da minha casa, permanecia aberto. Ocasionalmente, chegavam notícias.

Quando acharam que estavam sozinhos, Claude e o meu tio-avô Dermot vieram para minha casa para se confortarem com a minha companhia, por ter algum sangue de fada. Viver no exílio era terrível para eles. Por mais que tivessem apreciado anteriormente o mundo humano, ansiavam agora pelo regresso a casa.

Gradualmente, outros fae começaram a surgir no *Hooligans*. Dermot e Claude, sobretudo Claude, já não passavam tanto tempo comigo. Isso resolvia-me muitos problemas. Eric não podia ficar numa casa

ocupada por duas fadas porque o seu cheiro é inebriante para os vampiros. Mas, de vez em quando, sentia a falta do meu tio-avô Dermot, junto de quem sempre me sentira confortável.

Enquanto pensava nele, vi-o atrás do bar. Apesar de ser irmão do meu avô fada, parecia ter menos de trinta anos.

— Sookie, ali está o teu primo — disse Holly. — Não o vejo desde o chá de bebé da Tara. Meu Deus! É tão parecido com o Jason!

— A semelhança familiar é muito grande — concordei. Olhei para a namorada de Jason, a única que não sentia qualquer agrado por ver Dermot. Conhecera-o durante a sua loucura provocada por uma maldição. Apesar de saber que tinha recuperado, não esqueceria com facilidade.

— Nunca percebi qual o vosso parentesco — afirmou Holly. Em Bon Temps, todos conheciam as ligações familiares uns dos outros.

— Alguém foi infiel — disse, com delicadeza. — Não digo mais. Só descobri depois da morte da minha avó, nuns papéis familiares antigos.

Holly pareceu esclarecida, o que lhe era muito difícil.

— Ser da família da gerência quer dizer que teremos uma bebida de graça ou coisa parecida? — perguntou Kennedy. — Talvez uma *lap dance* por conta da casa?

— Não queres uma *lap dance* de um *stripper*! — disse Tara. — Não sabes por onde andou!

— Isso é ressentimento por já não teres colo — murmurou Kennedy, merecendo-me um olhar de reprovação imediato. Tara era muito suscetível à perda da sua silhueta.

Eu disse-lhes:

— Tivemos direito a uma mesa reservada junto ao palco. É melhor não forçarmos a sorte com mais pedidos.

Felizmente, as nossas bebidas chegaram nesse momento. Demos gorjetas generosas a Gift.

— Que delícia — disse Kennedy após um longo gole. — É um *appletini* e tanto.

Como se aquele tivesse sido o sinal, as luzes reduziram-se e os projetores do palco ligaram-se enquanto a música começava a soar. Claude surgiu, dançando, com calças justas prateadas com lantejoulas, botas e mais nada.

— Santo Deus, Sookie! É tão comestível! — disse Holly. E as suas palavras foram diretas aos ouvidos de fada de Claude. (Tinha alterado

cirurgicamente as pontas das orelhas para não ter de se esforçar tanto para parecer humano, mas o procedimento não afetara a audição.) Olhou para a nossa mesa e, quando me viu, sorriu. Moveu o rabo, agitando as lantejoulas e fazendo-as refletir a luz. As mulheres amontoadas no clube começaram a aplaudir, não contendo a antecipação.

— Senhoras — disse Claude ao microfone. — Estão prontas para o *Hooligans*? Estão prontas para ver homens fabulosos mostrarem do que são feitos? — Deixou a mão deslizar sobre os seus abdominais admiráveis e ergueu uma sobrancelha, conseguindo parecer incrivelmente sensual e incrivelmente sugestivo com dois movimentos simples.

A música acelerou e o público guinchou. Até a muito grávida Tara se juntou ao coro entusiasmado enquanto uma linha de homens entrava no palco, dançando atrás de Claude. Um deles vestia uma farda de polícia (se os polícias algum dia decidissem usar calças brilhantes), um vestia-se de cabedal e outro de anjo... sim, com asas! E o último na fila era...

Houve um silêncio súbito e total na nossa mesa. Todas fixámos o olhar à nossa frente, não nos atrevendo a olhar para Tara furtivamente.

O último *stripper* era o seu marido, JB du Rone. Estava vestido como operário da construção. Tinha um capacete, um colete de segurança, calças que imitavam ganga e um cinto de ferramentas pesado. Em vez de chaves e alicates, os aros do cinto prendiam itens úteis como um *shaker* para *cocktails*, um par de algemas felpudas e algumas coisas que não conseguia identificar.

Era dolorosamente óbvio que Tara não esperara aquilo.

De todos os momentos «oh merda» da minha vida, aquele seria o momento OM Número Um.

Todo o grupo de Bon Temps permaneceu imóvel enquanto Claude apresentava os *strippers* pelo seu nome de guerra (JB era «Randy»). Uma de nós teria de quebrar o silêncio. Subitamente, vi uma luz ao fundo do túnel conversacional.

— Tara — comecei, tão sinceramente como alguém poderia falar —, que querido.

As outras mulheres viraram-se para mim em simultâneo. Nas suas faces, havia uma esperança desesperada de encontrar uma forma de lidar com aquele momento horrível. Apesar de conseguir ouvir Tara pensar que gostaria de levar JB ao matadouro para o transformar em carne picada, segui em frente.

— Sabes que faz isto por ti e pelos bebés — disse, colocando na

voz todas as gotas de sinceridade que consegui invocar. Aproximei-me mais e segurei-lhe na mão. Queria estar certa de que me teria ouvido sobre a música trovejante. — Sabes que queria surpreender-te com o dinheiro extra.

— Bom — disse ela, entre lábios contraídos —, estou muito surpreendida.

Pelo canto do olho, percebi que Kennedy fechava os olhos, grata pela minha intervenção. Sentia o alívio inundando a mente de Holly. Michele descontraíu visivelmente. Agora que tinham um caminho, todas se apressaram a segui-lo. Kennedy contou uma história muito credível sobre a visita anterior de JB ao *Merlotte's*, uma visita em que lhe contara como se preocupava com o pagamento das contas do médico.

— Com gémeos a caminho, tinha medo de que isso pudesse implicar mais tempo no hospital — disse Kennedy. Inventava a maior parte, mas soava bem. Durante a sua carreira como rainha de beleza (e antes da sua carreira como presidiária), Kennedy aprendera a fingir sinceridade.

Tara pareceu finalmente descontraír um pouco, mas mantive-me atenta aos seus pensamentos para podermos antecipar-nos a eventuais desenvolvimentos. Não queria atrair mais atenção para a nossa mesa exigindo que saíssemos todas. Fora esse o seu primeiro impulso. Quando Holly mencionou de forma hesitante a hipótese de sairmos se Tara se sentisse demasiado desconfortável para ficar, ela olhou-nos com uma expressão severa.

— Uma ova — disse.

Felizmente, chegaram novas bebidas nesse momento e a comida pouco depois. Tentámos fingir que não se passara nada fora do normal e saíamo-nos bastante bem até a música *Touch My Nightstick* anunciar a entrada do «polícia».

O artista era uma fada de sangue puro, um pouco magro de mais para o meu gosto, mas com ótimo aspeto. Não encontrarão uma fada feia. E sabia dançar. Percebia-se que era algo que lhe dava prazer. Cada centímetro de corpo exposto era tão tonificado e tentador como seria possível. «Dirk» tinha um extraordinário sentido de ritmo e parecia divertir-se. Deleitava-se com a luxúria e a excitação de ser o centro das atenções. Seriam todos os fae tão vaidosos como Claude? Tão conscientes da sua beleza?

Dirk rodopiou pelo palco da sua forma sensual e uma quantidade chocante de notas de dólar foi enfiada na pequena tanga que depressa se

tornou a sua única peça de roupa. Era perceptível que fora generosamente dotado pela natureza e que a atenção lhe agradava. Ocasionalmente, uma mulher era suficientemente arrojada para um pequeno toque, mas Dirk afastava-se e abanava o dedo à prevaricadora.

— *Blhec* — disse Kennedy, da primeira vez que aconteceu. Tive de concordar. Mas, se Dirk não se mostrava encorajador, era pelo menos tolerante. Aplicou um beijo rápido a uma benemérita especialmente generosa, o que fez aumentar os gritos num crescendo. Sou boa a calcular gorjetas, mas nem sequer consegui aproximar-me do que Dirk teria arrecadado quando saiu do palco, sobretudo por ter passado maços de notas a Dermot. O número chegou ao fim em unísono com a música e Dirk fez uma vénia e correu para fora do palco.

Muito pouco tempo depois, o *stripper* tinha vestido as suas calças de polícia brilhantes (e mais nada) e saiu para vaguear entre o público, sorrindo e acenando enquanto mulheres lhe ofereciam bebidas, números de telefone e ainda mais dinheiro. Dirk aceitou apenas um gole das bebidas, recebeu os números de telefone com um sorriso encantador e guardou o dinheiro no cós das calças até parecer que usava um cinto verde.

Apesar de aquele tipo de entretenimento não ser algo que quisesse presenciar regularmente, não consegui ver grande mal. As mulheres presentes podiam gritar, berrar e deixar-se levar pelo desvario num ambiente controlado. Era óbvio que se divertiam muito. Mesmo que algumas delas se sentissem suficientemente encantadas para virem todas as semanas (muitos cérebros diziam-me muitas coisas diferentes), era apenas uma noite. Era verdade que as senhoras presentes não sabiam que gritavam por elfos e fadas, mas estava certa de que seriam mais felizes não sabendo que (com a exceção de JB) os corpos e os talentos que admiravam não eram humanos.

Os outros artistas foram mais do mesmo. O anjo, «Gabriel», era tudo menos angélico e penas brancas esvoaçantes flutuavam pelo ar enquanto parecia perder as asas (estava certa de que lá continuariam, mas teriam ficado invisíveis) e toda a sua roupa ao som de *Your Heavenly Body*. Como o polícia, estava em perfeita forma física e, aparentemente, era bem dotado. Também estava completamente depilado, com pele suave como um rabo de bebé, apesar de ser difícil imaginar uma forma de o encaixar na mesma frase com a palavra «bebé». As mulheres tentavam agarrar as penas flutuantes e a criatura que as usara.

Quando Gabriel veio para junto do público, com as asas novamente visíveis e vestindo apenas uma tanga, Kennedy segurou-o quan-

do passou pela nossa mesa. Perdia as poucas inibições que tivera enquanto as suas bebidas se iam esvaziando. O anjo olhou-a com olhos dourados reluzentes (pelo menos, foi assim que os vi). Kennedy deu-lhe o seu cartão de visita e um olhar insinuante, passando-lhe a mão pelos abdominais. Quando ele se afastou dela, passei-lhe delicadamente uma nota de cinco dólares para os dedos, retirando o cartão de Kennedy no mesmo movimento. Os olhos dourados encontraram os meus.

— Irmã — disse. Mesmo entre o ruído da entrada do *stripper* seguinte, consegui ouvir-lhe a voz.

Sorriu e afastou-se, para meu grande alívio. Apressei-me a esconder o cartão de Kennedy na bolsa. Pensei por um instante no conceito de empregada de bar em *part-time* com cartões de visita. Era algo digno de Kennedy.

Tara não parecia muito traumatizada, pelo menos, mas, enquanto se aproximava o momento em que JB subiria ao palco, a tensão aumentou de forma inevitável na nossa mesa. Quando ele saltou para o centro do palco e começou a dançar ao som de *Nail-Gun Ned*, foi óbvio que não sabia que a sua mulher estava no público. (A mente de JB era como um livro aberto com cerca de duas palavras por página.) O seu número era surpreendentemente polido. Não fizera ideia de como conseguia ser flexível. As senhoras de Bon Temps presentes esforçaram-se arduamente para não trocar olhares.

«Randy» divertia-se muito. Quando ficou só com a tanga, todas (quase todas) partilhavam o seu entusiasmo, como testemunhava o número de notas acumulado. Conseguia ler-lhe diretamente na cabeça que a adulação satisfazia uma grande necessidade. A sua mulher, cansada e grávida, deixara de estremecer de prazer quando o via nu. JB estava tão habituado a ser admirado que se tornara uma necessidade... E procuraria satisfazê-la de qualquer forma.

Tara murmurou qualquer coisa e deixou a mesa enquanto o seu marido se aproximava e não a viu quando dançou pelo palco na nossa direção. Quando ficou suficientemente próximo para perceber quem éramos, um indício de preocupação ensombrou-lhe a face atraente. Foi suficientemente profissional para continuar, para meu alívio. Senti-me algo orgulhosa de JB. Mesmo com o ar condicionado ártico, os rodopios tinham-no feito suar. Era vigoroso, atlético e sensual. Todas olhámos ansiosamente para assegurar que recebia tantas gorjetas como os *strippers* anteriores, apesar de nos parecer menos adequado contribuirmos também.

Depois de JB sair do palco, Tara regressou à mesa. Sentou-se e olhou-nos com uma expressão estranha.

— Vi lá do fundo — admitiu enquanto aguardávamos em suspense. — Saiu-se bem.

Expirámos, quase em simultâneo.

— Querida, foi muito bom — considerou Kennedy, acenando de forma suficientemente enfática com a cabeça para fazer o cabelo castanho balouçar para trás e para diante.

— És uma mulher de sorte — disse Michele. — E os teus bebés serão belíssimos e com boa coordenação motora.

Não sabíamos o que poderíamos dizer sem passar os limites e sentimo-nos aliviadas quando o refrão sonoro de *Born to Ride Rough* anunciou o número do tipo de cabedal. Seria pelo menos parte demónio, de um tipo que eu nunca encontrara antes. A pele era avermelhada, o que as minhas companheiras interpretaram como sinal de que seria índio. (Aos meus olhos não se parecia nada com um índio, mas não pretendia contrariá-las.) Tinha cabelo preto e liso e olhos escuros e sabia como abanar o *tomahawk*. Os mamilos tinham *piercings*. Não era algo que me agradasse particularmente, mas pareceu ser um toque popular entre muitos membros do público.

Bati palmas e sorri, mas, na verdade, começava a sentir-me um pouco aborrecida. Apesar dos desentendimentos ocasionais com Eric, o sexo funcionava sem problemas (não me perguntem como). Comecei a pensar que estava a ficar mal habituada. Não havia sexo aborrecido com Eric.

Pensei se ele dançaria para mim se lhe pedisse com jeito. Divertia-me com uma fantasia muito agradável quando Claude regressou ao palco, mantendo as calças com lantejoulas e as botas.

Estava completamente confiante de que todo o clube ansiava por voltar a vê-lo e esse tipo de confiança dava resultados. Era incrivelmente ágil e flexível.

— Meu Deus! — exclamou Michele, com a voz rouca quase fraquejando. — Bem! Quase não precisa de parceiro, não é?

— Uau. — A boca de Holly estava escancarada.

Até eu, que já vira tudo aquilo e sabia a que ponto Claude conseguia ser desagradável, sentia uma pequena pontada de excitação numa área inferior onde não deveria sentir nada do género. O agrado de Claude em receber toda aquela atenção e admiração era quase belo na sua pureza.

Para grande final da noite, Claude saltou do palco e dançou entre o público com a sua tanga. Todas as mulheres pareceram determinadas em livrar-se das notas de dólar que lhes restavam (e também das notas de cinco e de algumas notas de dez). Claude distribuiu beijos com abandono, mas esquivou-se a toques mais íntimos com uma agilidade que quase traía a sua natureza não humana. Quando se aproximou da nossa mesa, Michele prendeu-lhe uma nota de cinco na tanga, dizendo:

— Mereceste isto, amigo.

O sorriso brilhante de Claude espelhou o seu. A seguir, parou junto a mim e curvou-se para me beijar na bochecha. Dei um salto. As mulheres nas mesas em redor guincharam e exigiram beijos. Fiquei com o brilho nos seus olhos escuros e com o arrepio inesperado provocado pelo toque dos seus lábios.

Estava preparada para deixar uma grande gorjeta a Gift e sair dali.

Tara conduziu porque Michele disse que tinha bebido de mais. Sabia que Tara ficava grata por um pretexto para permanecer em silêncio. As outras mulheres iam dizendo que se tinham divertido muito, tentando permitir a Tara espaço para interiorizar os acontecimentos da noite.

— Espero não ter gostado demasiado — dizia Holly. — Odiaria se Hoyt fosse a clubes de *strip* com regularidade.

— Importavas-te se fosse uma vez? — perguntei.

— Bom... não me agradaria — respondeu, com franqueza. — Mas se fosse por ter sido convidado para uma despedida de solteiro ou coisa parecida, não faria barulho por isso.

— Odiaria se o Jason fosse — confessou Michele.

— Achas que te enganaria com uma *stripper*? — perguntou Kennedy. Tinha a certeza absoluta que era o álcool a falar.

— Se o fizesse, sairia pela porta fora com um olho negro — respondeu Michele com um ronco de troça. Após um momento, acrescentou com voz mais calma: — Sou um pouco mais velha que o Jason e talvez o meu corpo já não seja o que era. Ainda fico bem nua, acredito que sim. Mas talvez não tanto como *strippers* jovens.

— Os homens nunca estão satisfeitos com o que têm, por melhor que seja — murmurou Kennedy.

— Que se passa contigo, rapariga? Discutiste com o Danny por outra mulher? — perguntou Tara, sem rodeios.

Kennedy voltou para Tara uma expressão dura e, por um minuto, achei que responderia com alguma coisa cortante. Se acontecesse, teríamos uma discussão declarada. Mas disse apenas:

— Faz alguma coisa secreta e não me conta o que é. Diz que estará ausente nas manhãs e noites de segunda, quarta e sexta. Não diz onde vai ou porquê.

Porque o facto de Danny estar completamente perdido por Kennedy era óbvio para qualquer um, o espanto pela sua cegueira calou-nos a todas.

— Perguntaste-lhe? — disse Michele, com franqueza.

— Não! — Kennedy era demasiado orgulhosa (e demasiado receosa, mas só eu o sabia) para perguntar diretamente a Danny.

— Não sei a quem perguntar ou o quê, mas, se ouvir alguma coisa, aviso. Acho que não precisas de te preocupar com a fidelidade do Danny — disse-lhe. Como era possível que uma insegurança tão enorme se escondesse por trás de uma cara tão bonita? Espantava-me.

— Obrigada, Sookie. — Havia alguma tristeza na sua voz. Santo Deus. Toda a diversão da noite se perdia a grande velocidade.

Parámos diante da minha casa pouco tempo depois. Despedi-me e agradei com a minha voz mais animada, correndo para a porta da frente. Claro que a grande luz de segurança estava ligada e claro que Tara não partiu até eu chegar à porta, destrancá-la e entrar. Tranquei a porta atrás de mim imediatamente. Apesar de haver uma barreira mágica à volta da casa para manter inimigos sobrenaturais à distância, fechaduras e trancas não perdiam a sua utilidade.

Além de ter trabalhado naquele dia, tinha suportado o público barulhento e a música ensurdecadora, além do drama com as minhas amigas. O cérebro de um telepata fica exausto com grande rapidez. Mas, de uma forma contraditória, senti-me demasiado inquieta para ir diretamente para o quarto e decidi verificar os *emails*.

Tinham passado alguns dias desde que tivera oportunidade de me sentar ao computador. Tinha dez mensagens. Duas eram de Kennedy e Holly, combinando uma hora para me virem buscar. Porque esse assunto estava ultrapassado, cliquei no botão «Apagar». As três mensagens seguintes eram publicidade. Desapareceram com rapidez ainda maior. Havia um *email* de Amelia com um anexo, uma fotografia sua e do namorado, Bob, sentados num café em Paris. «Estamos a divertir-nos muito», escreveu. «A comunidade local é muito acolhedora. Acho que o meu pequeno problema com a minha AUSÊNCIA de comunidade foi perdoado. Como estamos nós?»

«Comunidade» era a palavra de código de Amelia para «círculo

de bruxas». O pequeno problema de Amelia ocorrera quando transformou acidentalmente Bob num gato. Agora que ele voltara a ser um homem, tinham reatado a relação. Incrivelmente. E estavam em Paris!

— Algumas pessoas têm vidas abençoadas — disse em voz alta.

Quanto à minha situação com Amelia... Ofendera-me profundamente ao tentar empurrar Alcide Herveaux para a minha vida sexual. Esperara melhor dela. Não, ainda não a perdoara por completo, mas tentava.

Nesse momento, ouvi uma batida discreta na porta da frente. Sobressaltou-me e fez-me girar na cadeira. Não ouvira um carro ou passos. Normalmente, isso significava que um vampiro me visitava. Mas, quando abri o meu sentido extra, o cérebro que encontrei não era o vazio que assinalava a presença de um vampiro. Era algo completamente diferente.

Nova batida discreta. Aproximei-me da janela para espreitar. A seguir, destranquei a porta e abri-a.

— Bisavô — disse, lançando-me para o seu abraço. — Pensei que não voltaria a ver-te! Como estás? Entra!

Niall cheirava maravilhosamente... como costuma acontecer com as fadas. Para alguns narizes vampiros particularmente sensíveis, tenho um indício do mesmo cheiro, apesar de não o conseguir detetar.

Bill, o meu ex-namorado, disse-me certa vez que, para ele, os fae cheiravam como a recordação que tinha do sabor das maçãs.

Envolvida pela presença avassaladora do meu bisavô, senti a mesma torrente de afeto e espanto que sempre sentia quando estava com ele. Alto e majestoso, vestindo um fato preto imaculado, camisa branca e gravata preta, Niall parecia em simultâneo belo e ancestral.

Também era pouco fiável no que dizia respeito aos factos. A tradição diz que as fadas não sabem mentir e as próprias fadas o repetirão, mas conseguem contornar a verdade quando lhes convém. Por vezes, pensava que Niall teria vivido tanto tempo que a sua memória apenas esquecia um pormenor ou outro. Era um grande esforço recordar isto quando estava com ele, mas forçava-me a conseguir.

— Estou bem, como vês. — Indicou a sua magnificência com um gesto, apesar de, para seu crédito, acreditar que queria apenas mostrar-me que não estava ferido. — E tu estás linda como sempre.

As fadas têm também um discurso algo floreado, a não ser que vivam há muito tempo entre humanos, como Claude.

— Achei que te tinhas exilado.

— Ampliei o portal na tua floresta — explicou, como se tivesse sido um mero capricho casual. Depois do alarido do encerramento dos fae para proteger a humanidade, cortando todos os seus laços empresariais com o mundo humano e por aí fora, ampliara o portal e passara... porque queria ver como ela estava? Até a bisneta mais extremosa conseguiria perceber que algo não fazia sentido.

— Sabia que o portal lá estava — disse eu, por não saber o que dizer.

Vi-o inclinar a cabeça. O cabelo louro quase branco moveu-se como uma cortina de cetim.

— Foste tu que lá colocaste o cadáver?

— Desculpa. Não me ocorreu outro sítio onde pudesse escondê-lo. — Esconder cadáveres não era um dos meus talentos.

— Foi consumido por inteiro, se era esse o teu propósito. Por favor, evita fazê-lo no futuro. Não queremos que haja aglomerados de criaturas à volta do portal — disse ele, como advertência delicada. Era como se tivesse alimentado animais de estimação com comida da mesa.

— Desculpa — disse-lhe. — Então... porque estás aqui? — Ouvi a indelicadeza nas palavras e senti-me corar. — Quer dizer, a que devo a honra da tua visita? Posso trazer-te uma bebida ou alguma coisa para comer?

— Não. Obrigado, querida. Onde estiveste esta noite? Cheiras a fae, a humanos e a muitas outras coisas.

Inspirei fundo e tentei explicar-lhe a *Ladies Night* no *Hooligans*. Com cada frase, sentia-me mais idiota. Deviam ter visto a cara de Niall quando lhe contei que, uma vez por semana, mulheres humanas pagavam para ver homens despirem-se. Não percebeu.

— Os homens fazem o mesmo? — perguntou. — Vão em grupo a edifícios especiais onde pagam para ver mulheres despirem-se?

Respondi:

— Sim. Os homens fazem-no com frequência muito maior. Nas outras noites, é isso que acontece no *Hooligans*.

— E Claude ganha dinheiro dessa forma — afirmou Niall, intrigado. — Porque não pedem os homens às mulheres que tirem a roupa se querem ver os seus corpos?

Inspirei fundo outra vez, mas expirei sem tentar explicar. Alguns assuntos eram demasiado complicados para abordar, sobretudo com uma fada que nunca tinha vivido no nosso mundo. Niall era um turista, não um residente.

— Podemos adiar esta conversa para outra ocasião? Ou talvez

para nunca? De certeza que terás coisas mais importantes para discutir, não? — disse eu.

— Claro. Posso sentar-me?

— Por favor. — Sentámo-nos no sofá, virados e fitando a cara um do outro. Não há nada como ser examinada por uma fada para ficar extremamente consciente de cada falha.

— Recuperaste bem — considerou, surpreendendo-me.

— Recuperei — disse, tentando não baixar o olhar, como se as cicatrizes na coxa fossem visíveis através da roupa. — Levou algum tempo. — Niall quisera dizer que tinha bom aspeto para alguém que fora torturado. Duas fadas malévolas que tinham afiado os dentes como dentes de elfo tinham-me deixado com alguns danos físicos permanentes. Niall e Bill tinham chegado a tempo para salvar o meu corpo e a minha alma, mas não para salvar por completo toda a minha carne. — Obrigada por teres vindo a tempo — disse, forçando um sorriso. — Nunca esquecerei como me senti feliz por vos ver.

Niall rejeitou a minha gratidão com um gesto.

— És do meu sangue — disse. Esse motivo bastava-lhe. Pensei no meu tio-avô Dermot, o filho meio-humano de Niall, que acreditava que Niall tinha lançado um feitiço sobre ele. Meio contraditório, não? Quase lho referi, mas não queria melindrá-lo depois de tanto tempo sem o ver.

— Quando passei o portal esta noite, cheirou-me a sangue no terreno à volta da tua casa — disse ele, abruptamente. — Sangue humano, sangue de fae. Agora percebo que há sangue fae no teu sótão. Recentemente derramado. E vivem aqui fadas. Quem? — As mãos macias de Niall seguraram as minhas e senti uma torrente de bem-estar.

— O Claude e o Dermot têm vivido aqui de forma intermitente — expliquei. — Quando o Eric me visita, passam a noite na casa do Claude em Monroe.

Niall pareceu muito pensativo.

— Que motivo terá Claude para querer estar na tua casa? Porque permites isto? Fizeste sexo com ele? — Não soava irritado ou incomodado, mas notava-se uma certa mudança na entoação das perguntas.

— Em primeiro lugar, não faço sexo com parentes — respondi, elevando muito ligeiramente a voz. O meu patrão, Sam Merlotte, disse-me que os fae não consideram o parentesco um tabu, mas eu sim. Inspirei fundo outra vez. Acabaria por hiperventilar se Niall ficasse muito tempo.

Tentei novamente, daquela vez fazendo um esforço para modificar a minha indignação.

— Sexo entre parentes não é algo que os humanos aceitem — expliquei-lhe, forçando-me a parar antes de acrescentar alíneas. — Partilhei a cama com o Dermot e com o Claude porque me disseram que isso os faria sentirem-se melhor. E admito que também me ajudou. Parecem os dois algo perdidos por não conseguirem entrar em Faery. Muitos fae ficaram de fora e sentem-se bastante miseráveis. — Esforcei-me para não parecer desaprovadora, mas o *Hooligans* parecia Ellis Island com as portas fechadas para não deixar sair ninguém.

Niall não se deixaria desviar do que queria saber.

— Claro que Claude quererá estar perto de ti — disse. — A companhia de outros com sangue de fada é sempre desejável. Suspeitaste... de algum outro motivo?

Seria uma dica ou apenas hesitação no discurso de Niall? Na verdade, pensava realmente que as duas fadas tinham outro motivo para se sentirem atraídas por mim e pela minha casa, mas achei (esperei) que esse motivo fosse inconsciente. Era uma hipótese para me libertar do peso de um grande segredo e adquirir mais informação sobre um objeto que tinha em minha posse. Abri a boca para dizer a Niall o que tinha encontrado num compartimento secreto numa velha escrivaninha.

Mas a cautela que desenvolvi ao longo da minha vida como telepata... bom... começou aos saltos, gritando que me calasse.

Disse:

— Achas que poderão ter tido outro motivo?

Notei que Niall referira apenas o seu neto de sangue puro, Claude, e não o seu filho meio-humano, Dermot. Porque sempre demonstrara grande afeto para comigo e tendo o meu sangue apenas uma percentagem ínfima de fada, não conseguia perceber porque não demonstrava o mesmo carinho por Dermot. Dermot fizera algumas coisas más, mas estivera enfeitado. Niall não o desculpava por isso. Naquele momento, olhava-me com desconfiança, mantendo a cabeça inclinada.

Esbocei o sorriso mais radiante que consegui invocar. Sentia-me cada vez mais inquieta.

— O Claude e o Dermot têm-me ajudado muito. Trouxeram para baixo coisas velhas que estavam no sótão. Vendi-as a antiquários de Shreveport. — Niall retribuiu-me o sorriso e ergueu-se. Antes que eu tivesse tempo de dizer alguma coisa, ele já subia as escadas. Regressou um par de minutos depois. Mantive-me sentada com a boca aberta.

Mesmo para uma fada, era um comportamento estranho. — Calculo que tenhas subido para farejar o sangue do Dermot? — perguntei, cautelosa.

— Percebo que te irritei, querida. — Niall sorriu-me e a sua beleza acalmou-me. — Porque houve sangue derramado no sótão?

Nem sequer usou um pronome pessoal. Disse-lhe:

— Um humano entrou à minha procura. O Dermot estava a trabalhar e não o ouviu aproximar-se. O humano bateu-lhe. Em cheio na cabeça — expliquei, quando o vi confuso.

— O humano cujo sangue cheiro lá fora?

Houvera tantos. Vampiros e humanos, lobisomens e fadas. Tive de pensar por um instante.

— É possível — disse, por fim. — O Bellenos sarou o Dermot e apanharam os tipos... — Calei-me. Ao ouvir referido o nome de Bellenos, os olhos de Niall brilharam. E não foi de alegria.

— Bellenos, o elfo — disse.

— Sim.

Virou a cabeça de repente e percebi que ouvira alguma coisa que me tinha escapado.

Aparentemente, tínhamos estado demasiado envolvidos na nossa conversa para ouvir um carro aproximar-se. Niall ouvira a chave na fechadura.

— Prima, gostaste do espetáculo? — perguntou Claude da cozinha. Tive tempo de pensar que era outro momento OM antes que Claude e Dermot entrassem na sala.

O silêncio foi gélido. As três fadas olhavam-se como pistoleiros no *OK Corral*. Cada uma esperava que a outra fizesse algum gesto decisivo que determinasse se lutavam ou conversavam.

— A casa é minha. Sou eu que faço as regras — disse, erguendo-me do sofá como se alguém me tivesse pegado fogo ao traseiro. — Nada de zaragatas! Nem pensar!

Mais um momento de silêncio tenso e, a seguir, Claude disse:

— Claro que não, Sookie. Príncipe Niall... avô... receei não voltar a ver-te.

— Claude — disse Niall, acenando com a cabeça ao seu neto.

— Olá, pai — disse Dermot, em voz muito baixa.

Niall não olhou para o filho.

Estranho.





2

Fadas. Nunca é simples. A minha avó Adele teria concordado, sem dúvida. Teve um caso duradouro com o irmão gémeo de Dermot, Fintan, e a minha tia Linda e o meu pai, Corbett, (ambos mortos há anos) tinham sido o resultado.

— Talvez tenha chegado o momento de falar sem rodeios — disse eu, tentando parecer confiante. — Niall, talvez possas explicar-nos porque finges que Dermot não está aqui. E porque o enfeitiçaste. — Parecia convertida numa espécie de Dr. Phil de fadas.

Ou não. Niall fixou em mim o seu ar mais senhorial.

— Desafiou-me — disse, voltando a cara para o filho.

Dermot baixou a cabeça. Não sabia se baixava o olhar para não provocar Niall, se escondia raiva ou se apenas não sabia por onde começar.

Ser aparentada com Niall, mesmo de forma algo distante, não era fácil. Não conseguia imaginar como seria ter um laço mais próximo. Se a beleza e o poder de Niall se aliassem a um rumo de ação coerente e a uma nobreza de propósito, seria muito parecido com um anjo.

Esta consideração não me poderia ter ocorrido em momento mais inconveniente.

— Olhas-me de forma estranha — disse Niall. — Que se passa, querida?

— Durante o tempo que passou aqui — disse —, o meu tio-avô tem-se mostrado amável, esforçado e inteligente. O único problema de

Dermot é uma ligeira fragilidade mental como resultado de ter sido enlouquecido durante anos. Porque o fizeste? «Desafiou-me» não é resposta.

— Não tens o direito de me questionar — replicou Niall, com o seu tom mais régio. — Sou o único príncipe sobrevivente de Faery.

— Não percebo porque isso significa que não posso fazer-te perguntas. Sou americana — afirmei, endireitando as costas.

Os olhos belos examinaram-me com frieza.

— Amo-te — disse ele, de forma nada carinhosa. — Mas presumes demasiado.

— Se me amas ou mesmo se me respeitas um pouco, precisas de responder à minha pergunta. Também amo o Dermot.

Claude mantinha-se absolutamente imóvel, fazendo uma excelente imitação da Suíça neutral. Sabia que não se colocaria do meu lado, do lado de Dermot ou mesmo do lado de Niall. Para Claude, o único lado que importava era o seu.

— Aliaste-te com as fadas da água — disse Niall a Dermot.

— Depois de me amaldiçoares — protestou Dermot, erguendo brevemente o olhar para o seu pai.

— Ajudaste-os a matar o pai de Sookie — acusou Niall. — O teu sobrinho.

— Não o fiz — disse Dermot, em voz baixa. — E estou a enganar-vos. Até Sookie acredita e permite que fique aqui.

— Não estavas em ti. Sei que nunca o farias se não tivesses sido amaldiçoado — disse-lhe.

— Vês a sua bondade e, mesmo assim, não tens qualquer bondade para comigo — disse Dermot a Niall. — Porque me amaldiçoaste? Porquê? — Olhava-o diretamente, com a dor a alterar-lhe a expressão.

— Não te amaldiçoei — disse Niall. Soava genuinamente surpreso. Finalmente, falava diretamente para Dermot. — Não toldaria o espírito do meu próprio filho, meio-humano ou não.

— Claude disse-me que foste tu a enfeitiçar-me. — Dermot olhou para Claude, que continuava à espera de perceber para que lado se virar.

— Claude — começou Niall, com o poder na voz ressoando-me na cabeça —, quem te disse isto?

— É sabido entre os fae — respondeu Claude. Preparara-se para aquilo e respondia com a devida cautela.

— Segundo quem? — Niall não desistiria.

— Murry contou-me.

— Murry contou-te que amaldiçoei o meu filho? Murry, o amigo do meu inimigo Breandan? — A face elegante de Niall estava incrédula.

«O Murry que matei com a colher de jardineiro da minha avó?», pensei. Mas sabia que seria melhor não interromper.

— Murry disse-mo antes de transferir a sua fidelidade — disse Claude, de forma defensiva.

— E quem disse a Murry? — perguntou Niall, com uma sugestão de exasperação na voz.

— Não sei. — Claude encolheu os ombros. — Parecia tão seguro. Nunca o questioneei.

— Claude, vem comigo — disse Niall, após um momento de silêncio tenso. — Falaremos com o teu pai e com o resto do nosso povo. Descobriremos quem espalhou este rumor a meu respeito. E sabemos quem foi o verdadeiro responsável por amaldiçoar Dermot, fazendo-o agir daquela forma.

Acreditaria que Claude ficaria em êxtase por se ter mostrado desejoso de regressar a Faery desde que a passagem se tornara impossível. Mas, apenas por um momento, pareceu absolutamente contrariado.

— E o Dermot? — perguntei.

— É demasiado perigoso para ele, agora — explicou Niall. — O que o amaldiçoou poderá esperar para agir novamente em seu prejuízo. Levarei Claude comigo... e, Claude, se provocares algum problema com o teu comportamento humano...

— Compreendo. Dermot, substituis-me no clube até voltar?

— Sim — respondeu Dermot, mas parecia tão atordado pela reviravolta que não tive a certeza se saberia o que dizia.

Niall curvou-se para me beijar nos lábios e o odor subtil a fada encheu-me as narinas. A seguir, saiu pela porta dos fundos com Claude, deslizando ambos para a floresta. Dizer que «andaram» não descreveria da melhor forma a fluidez dos seus movimentos.

Dermot e eu ficámos sozinhos na minha sala modesta. Para meu desconsolo, o meu tio-avô (que parecia um pouco mais novo que eu) começou a chorar. Os seus joelhos cederam, todo o seu corpo estremeceu e pressionou as mãos contra os olhos.

Percorri os poucos metros que nos separavam e agachei-me ao seu lado. Rodeei-o com o braço e disse:

— Não esperava nada disto.

Consegui motivar-lhe uma gargalhada surpreendente. Soluçou, erguendo os seus olhos vermelhos para os meus. Estiquei o braço livre

para alcançar a caixa de lenços de papel na mesa junto à poltrona. Retirei um e usei-o para secar as bochechas molhadas de Dermot.

— É difícil acreditar na bondade que me demonstras — disse. — Pareceu-me incrível desde o primeiro momento, considerando o que Claude te contou.

Para ser sincera, também me surpreendeu um pouco.

Falei-lhe do coração.

— Não acredito que estivesses presente na noite em que os meus pais morreram. Se estiveste, acho que não estavas em ti. Desde que te conheço, sempre foste amoroso.

Encostou-se a mim como uma criança cansada. Um tipo humano teria já feito um enorme esforço para se recompor. A demonstração de vulnerabilidade envergonhá-lo-ia. Dermot parecia bastante disposto a deixar-me consolá-lo.

— Sentes-te melhor? — perguntei, após alguns minutos.

Inspirou profundamente. Soube que inalava o meu cheiro a fada e que isso o ajudaria.

— Sim — respondeu. — Sim.

— Talvez precisas de um duche e de uma boa noite de sono — aconselhei, procurando algo para dizer que não soasse completamente imbecil, como se tentasse animar uma criança. — Aposto que o Niall e o Claude regressarão depressa e poderás... — Tive de me calar por não saber o que Dermot queria realmente. Claude, que estivera desesperado para encontrar uma forma de entrar em Faery, vira o seu desejo concretizado. Presumi que seria também o objetivo de Dermot. Depois de Claude e eu termos quebrado o feitiço que o dominava, nunca lhe tinha perguntado.

Enquanto Dermot se afastava para a casa de banho, verifiquei que todas as janelas e portas estavam fechadas como parte do meu ritual noturno. Lavei e sequei um par de pratos enquanto tentava imaginar o que Claude e Niall fariam naquele momento. Como seria Faery? Seria como Oz no filme?

— Sookie — disse Dermot, puxando-me para o presente. Atravessava-se na porta da cozinha, vestindo as calças de um pijama xadrez, a sua roupa de dormir habitual. O cabelo dourado estava húmido do duche.

— Sentes-te melhor? — Sorri-lhe.

— Sim. Podemos dormir juntos?

Era como se tivesse perguntado: «Podemos apanhar um camelo

e ficar com ele como bicho de estimação?» Depois das perguntas que Niall fizera sobre o meu relacionamento com Claude, o pedido de Dermot pareceu-me um pouco estranho. Não estava com disposição para apreciar fadas, por mais inocentes que fossem as suas intenções. E, na verdade, não percebi se não teria sugerido que fizéssemos mais do que dormir.

— Aaaah... não.

Dermot pareceu tão desiludido que me surpreendi sentindo-me culpada. Não aguentava. Tinha de explicar.

— Ouve, sei que não sugerias que fizéssemos sexo e sei que, em ocasiões anteriores, dormirmos todos na mesma cama como pedras... Foi bom. Foi reparador. Mas ocorrem-me uns dez motivos para não querer repetir. O primeiro é por ser estranho para um humano. Em segundo lugar, amo o Eric e deverei dormir apenas com ele. Em terceiro, és meu parente e dormir contigo na mesma cama deveria fazer-me sentir muito estranha. Além disso, pareces-te suficientemente com o meu irmão para seres confundido com ele, o que torna qualquer situação remotamente sexual duplamente estranha. Sei que não foram dez, mas serão suficientes.

— Não me achas atraente?

— Isso é completamente irrelevante! — Erguera a voz e parei para me acalmar. Continuei em tom mais controlado. — Não tem qualquer importância se te acho atraente ou não. Claro que és bonito. Tal como o meu irmão. Mas não tenho sentimentos sexuais por ti e parece-me que dormirmos juntos é estranho. Por isso, não voltaremos a repetir a grande sesta terapêutica das fadas.

— Lamento ter-te perturbado — disse, parecendo ainda mais miserável.

Voltei a sentir-me culpada. Mas forcei-me a suprimir o sentimento.

— Acho que ninguém no mundo terá um tio-avô como tu — disse-lhe, com uma entoação carinhosa.

— Não voltarei a abordar o assunto. Procurava apenas consolo. — Fitou-me com olhos enormes. Havia um indício de riso a elevar-lhe os cantos da boca.

— Terás de te consolar a ti próprio — repliquei, secamente.

Sorria quando saiu da cozinha.

Nessa noite, pela primeira vez desde sempre, tranquei a porta do quarto. Senti-me mal quando girei a chave, como se desonrasse Der-

mot com a minha suspeita. Mas os anos anteriores tinham-me ensinado que um dos ditados preferidos da minha avó era verdadeiro. Mais valia prevenir do que remediar.

Se Dermot girou a minha maçaneta durante a noite, o meu sono foi demasiado profundo para perceber. E talvez o sono profundo significasse que, no fundo, confiava no meu tio-avô. Ou na fechadura. Quando acordei no dia seguinte, ouvia-o a trabalhar no sótão. Os seus passos estavam por cima da minha cabeça.

— Fiz café — disse-lhe, ao fundo das escadas. Desceu um minuto depois. Tinha comprado jardineiras de ganga algures e, porque não vestia camisola por baixo, parecia prestes a ocupar o seu lugar no alinhamento de *strippers* da noite anterior como «Agricultor Sensual com a sua Grande Forquilha». Perguntei ao Agricultor Sensual com um gesto silencioso se queria torradas e ele acenou afirmativamente, satisfeito como um miúdo. Dermot adorava compota de ameixa e tinha um frasco feito por Maxine Fortenberry, a futura sogra de Holly. O sorriso ampliou-se quando o viu.

— Tentava trabalhar o máximo antes que o calor chegue — explicou. — Espero não te ter acordado.

— Não. Adormeci como uma pedra. Que fazes lá em cima hoje? — Inspirado pelo canal *Home & Garden Television*, Dermot decidira instalar portas no sótão para separar uma parte do espaço para armários, transformando o resto num quarto para si. Tinha partilhado o quarto pequeno e a sala no primeiro piso com Claude. Depois de esvaziarmos o sótão, Dermot quisera «remodelar» o espaço. Já tinha pintado as paredes e lixado e envernizado as tábuas do chão. Penso que também teria reparado as janelas.

— O chão está seco e pude fazer as paredes novas. Agora vou montar a armação para as portas. Espero fazer isso hoje e amanhã. Se tiveres alguma coisa que queiras guardar, o espaço estará pronto.

Quando Dermot e Claude me ajudaram a trazer tudo para baixo do sótão apinhado, liberei-me dos objetos acumulados pela família Stackhouse, gerações de lixo e tesouros abandonados. Era suficientemente pragmática para saber que deixar coisas desfazerem-se durante décadas não beneficiava ninguém e tudo o que não tinha aproveitamento acabou numa grande fogueira. Os objetos em bom estado foram para uma loja de antiguidades em Shreveport. Quando passei pela *Splendide* na semana anterior, Brenda Hesterman e Donald Callaway disseram-me que uma das peças mais pequenas tinha sido vendida.

Quando os dois antiquários vieram a minha casa para avaliar o que tinha tirado do sótão, Donald descobriu uma gaveta secreta numa das peças de mobiliário antigas, uma escrivaninha. No interior, havia um tesouro: uma carta da minha avó para mim e uma herança única.

A cabeça de Dermot voltou-se, ouvindo algum ruído que me escapou.

— Vem aí uma mota — disse, com a boca cheia de torrada com compota, soando quase assustadoramente como Jason. Regressei à realidade.

Conhecia apenas uma pessoa que viajava frequentemente de mota.

Um momento após ouvir o motor ser desligado, bateram à porta da frente. Suspirei. Faria um esforço para recordar dias assim da próxima vez que me sentisse sozinha. Vestia calças de pijma e uma camisola de manga curta larga e velha e estava com péssimo aspeto. Mas o recém-chegado teria de aguentar.

Mustapha Khan, o assistente diurno de Eric, erguia-se no alpendre. Porque estava demasiado calor para vestir cabedal, a sua imitação de Blade sofreu as consequências. Mas conseguia parecer bastante duro com uma camisa de ganga sem mangas, jeans e os óculos escuros sempre presentes. O cabelo estava moldado numa forma geométrica semelhante ao penteado de Wesley Snipes nos filmes e tive a certeza que teria grandes armas de fogo presas às pernas se a lei lho permitisse.

— Bom-dia — disse eu, com sinceridade moderada. — Queres uma chávena de café? Ou um copo de limonada? — Acrescentei a limonada depois de me olhar como se fosse doida.

Abanou a cabeça, enojado.

— Não ingiro estimulantes — disse e recordei, tarde de mais, que mo dissera antes. — Há pessoas que passam a vida a dormir — acrescentou, depois de olhar para o relógio sobre a lareira. Fomos até à cozinha.

— Há pessoas que saíram ontem à noite — disse eu, enquanto Mustapha, que era um lobisomem, ficava hirto ao ver e cheirar o Agricultor Dermot.

— Percebo o tipo de trabalho que te ocupou até tarde — afirmou.

Estive prestes a explicar que tinha sido apenas Dermot a trabalhar até tarde e que eu somente o vira trabalhar, mas o tom de Mustapha fez-me cancelar essa intenção. Não merecia uma explicação.

— Não sejas parvo. Sabes muito bem que é o meu tio-avô — disse-lhe. — Dermot, conheces o Mustapha Khan. O assistente diurno do

Eric. — Achei que seria delicado não referir que o nome verdadeiro de Mustapha era KeShawn Johnson.

— Não parece o tio-avô de ninguém — rosnou Mustapha.

— Mas é e, seja como for, não te diz respeito.

Dermot arqueou uma sobrancelha loura.

— A minha presença incomoda-te? — perguntou. — Tomava o pequeno-almoço com a minha sobrinha-neta. Não tenho qualquer quezília contigo.

Mustapha pareceu invocar a sua calma zen, uma parte importante da sua imagem, e, segundos depois, voltara à frieza habitual.

— Se o Eric não acha mal, porque acharia eu? — disse. (Teria sido simpático se o tivesse percebido antes.) — Vim dizer-te algumas coisas, Sookie.

— Claro. Senta-te.

— Não, obrigado. Não me demoro.

— O Warren não veio contigo? — Warren costumava vir atrás de Mustapha na mota. Era um ex-presidiário pequeno e magro com pele pálida, cabelo louro despenteado e alguns dentes a menos. Mas era um grande atirador e um grande amigo de Mustapha.

— Não achei que precisasse de escolta armada para vir aqui. — Mustapha afastou o olhar. Parecia realmente perturbado. Estranho. Era difícil interpretar os pensamentos dos lobisomens, mas, mesmo que não fosse telepata, perceberia que se passava alguma coisa com Mustapha Khan.

— Esperemos que ninguém precise de escolta armada. Que se passa em Shreveport que não me pudesses dizer pelo telefone?

Sentei-me e esperei que Mustapha entregasse a sua mensagem. Eric poderia tê-la deixado no meu atendedor de chamadas, mas, como a maioria dos vampiros, não depositava confiança total na eletrónica, sobretudo se as notícias fossem importantes.

— Queres que ele ouça? — Mustapha indicou Dermot com um gesto da cabeça.

— Será melhor que não saibas — disse a Dermot. Fixou os olhos azuis no assistente diurno por um instante, recomendando-lhe que se comportasse, e ergueu-se, levando a caneca consigo. Ouvimos ranger os degraus enquanto subia. Quando a audição de lobisomem de Mustapha lhe disse que Dermot estava suficientemente distante para não ouvir, sentou-se à minha frente e pousou as mãos sobre a mesa, lado a lado, de forma muito precisa. Estilo e atitude.

— Muito bem. Estou à espera — disse eu.

— O Felipe de Castro vem a Shreveport falar sobre o desaparecimento do seu amigo Victor.

— Merda — afirmei.

— Bem podes dizê-lo, Sookie. Estamos tramados. — Sorriu.

— É isso? É essa a mensagem?

— O Eric gostaria que viesses a Shreveport amanhã para saudar o Felipe.

— Não o verei até lá? — Senti os olhos semicerrarem-se com suspeição. Não me agradava nada. As fraturas na nossa relação alargariam-se não passássemos tempo juntos.

— Tem de se preparar — explicou Mustapha, encolhendo os ombros. — Não sei se tem de limpar os armários da casa de banho, mudar os lençóis ou algo assim. «Tenho de me preparar.» Foi o que me disse.

— Certo — afirmei. — E é só isso? A mensagem não tem mais nada?

Mustapha hesitou.

— Tenho mais algumas coisas para te dizer, mas não vêm de Eric. Duas coisas. — Tirou os óculos escuros. Os olhos castanhos não renunciavam boa coisa. Mustapha não estava feliz.

— Estou pronta. — Mordia o interior da boca. Se Mustapha conseguia não sucumbir ao desespero que anunciava a visita de Felipe, também eu conseguiria não o fazer. Corríamos um grande risco. Ambos tínhamos participado no plano para emboscar Victor Madden, regente do Estado do Louisiana nomeado pelo rei Felipe do Nevada e ajudáramos a matá-lo e aos seus servidores. Além disso, estava bastante segura de que Felipe de Castro desconfiaria de tudo isto.

— Em primeiro lugar, uma mensagem da Pam.

Loura e sardónica, Pam, a vampira transformada por Eric, era o máximo que me aproximava de ter uma amiga entre os vampiros. Aceitei afirmativamente, indicando a Mustapha que entregasse a mensagem.

— Diz: «Transmite à Sookie que este será o momento de dificuldade que mostrará a substância de que é feita.»

Inclinei a cabeça.

— Esse é o único conselho? Não ajuda muito. Já esperava. — Presumia que a visita de Felipe posterior à morte de Victor seria muito perigosa. Mas ter Pam a avisar-me disso mesmo... parecia um pouco estranho.

— A dificuldade será maior do que esperas — disse Mustapha, absolutamente sério.

Fitei-o, esperando que dissesse mais alguma coisa.

Não elaborou, de forma muito enervante. Soube que não valeria a pena pedir-lhe que o fizesse.

— A outra mensagem é minha — continuou.

Só o facto de ter sido forçada a controlar a expressão durante toda a vida me impediu de o olhar com desconfiança. Mustapha? A dar-me conselhos?

— Sou um lobo solitário — disse ele, em jeito de preâmbulo.

Acenei afirmativamente. Não se juntara aos lobisomens de Shreveport, todos membros da alcateia do Dente Longo.

— Quando cheguei a Shreveport, pensei em juntar-me. Até fui a um encontro da alcateia — disse.

Era a primeira lasca que via cair da sua armadura «sou um duro e não preciso de ninguém». Espantava-me que tivesse tentado. Alcide Herveaux, líder da alcateia de Shreveport, acolheria de bom grado um lobo forte como Mustapha.

— O motivo para não me juntar foi a Jannalynn — disse. Jannalynn Hooper era a executora de Alcide. Tinha temperamento de vespa e aproximadamente o mesmo tamanho.

— Porque a Jannalynn é muito dura e desafiaria alguém tão dominador como tu? — perguntei.

Inclinou a cabeça.

— Não me deixaria de pé. Provocaria sem parar até lutarmos.

— Achas que conseguiria derrotar-te? A ti... — Não souo completamente como uma pergunta. Mustapha tinha vantagem em tamanho e experiência e eu não conseguia perceber porque duvidava de que seria ele o vencedor.

Voltou a inclinar a cabeça.

— Acho. O seu espírito é forte.

— Gosta de sentir que manda? Tem de ser a cadela mais furiosa na luta?

— Estive no *Hair of the Dog* ontem ao início da noite. Apenas para passar tempo com os outros lobisomens depois de terminar o trabalho para os vampiros. Para tirar o cheiro da casa do Eric do nariz... apesar de haver um cadáver ambulante a pairar pelo *Hair* nos últimos tempos. Seja como for, a Jannalynn falava com o Alcide enquanto lhe servia uma bebida. Sabe que emprestaste dinheiro ao Merlotte para conseguir manter o bar aberto.

Movi-me na cadeira, subitamente intranquila.

— Surpreende-me um pouco que o Sam lhe tenha dito, mas não lhe pedi que guardasse segredo.

— Não sei se lhe disse. A Jannalynn não é contrária a ouvir atrás das portas quando acha que deve saber alguma coisa. Nem sequer acha isso reprovável. Acha que é recolha de informação. Resume-se a isto: não contraries a cadela. Estás no limite.

— Por ter ajudado o Sam? Isso não faz sentido nenhum. — Apesar de o meu coração cada vez mais amargurado me dizer que sim.

— Não precisa de fazer. Ajudaste-o e ela não conseguiu. Isso irrita-a. Alguma vez a viste quando perde o controlo?

— Já a vi em ação. — Sam gostara sempre de mulheres desafiadoras. Calculava que reservaria para ele o seu lado mais meigo e delicado.

— Então sabes como trata as pessoas que considera serem uma ameaça.

— Não percebo porque o Alcide não a escolheu para primeira-dama ou lá qual seja a designação certa — disse eu, apenas para me afastar do assunto por um momento. — Nomeou-a executora da alcateia, mas achei que escolheria a loba mais forte como sua companheira.

— Ela adoraria — considerou Mustapha. — Consigo cheirá-lo. Ele também. Mas ela não ama o Alcide e ele não a ama a ela. Não é o tipo de mulher que lhe agrada. Gosta de mulheres da sua idade, mulheres com curvas. Mulheres como tu.

— Mas ela disse ao Alcide... — Tive de parar, sentindo-me incrivelmente confusa. — Há algumas semanas, aconselhou o Alcide a tentar seduzir-me — expliquei, com desconforto. — Achou que seria valiosa para a alcateia.

— Se estás confusa, pensa no que sentirá a Jannalynn. — A cara de Mustapha poderia ter sido esculpida em pedra. — Tem um relacionamento com o Sam, mas conseguiste salvá-lo e ela não. Deseja de certa forma o Alcide, mas sabe que ele te deseja a ti. Tem importância na alcateia e sabe que juraram proteger-te. Não preciso de te dizer o que pode fazer a pessoas que não têm a mesma proteção.

Estremeci.

— Gosta muito do papel de executora — disse eu. — Já a vi. Obrigada pelo aviso, Mustapha. Se quiseres uma bebida ou alguma coisa para comer, a oferta mantém-se.

— Aceito um copo de água — disse. Fui buscá-lo sem perder tempo. Ouvia uma das ferramentas elétricas de Dermot ser acionada no sótão e, apesar de Mustapha elevar os olhos para o teto, não comen-

tou até terminar de beber. — É uma pena que ele não possa ir contigo a Shreveport — disse. — As fadas são boas lutadoras. — Passou-me o copo vazio. — Obrigado — disse. A seguir, saiu.

Subi as escadas até ao piso de cima enquanto a mota se afastava em direção à Hummingbird Road. Atravessei-me na porta do sótão. Dermot lixava o fundo de uma das portas. Sabia que eu ali estava, mas continuou a trabalhar, lançando um sorriso rápido sobre o ombro como reação à minha presença. Ponderei contar-lhe o que Mustapha me tinha dito, apenas para partilhar a preocupação.

Mas, enquanto via o meu tio-avô trabalhar, pensei melhor. Dermot tinha problemas próprios. Claude partira com Niall e era impossível saber quando voltaria ou em que estado. Até ao regresso de Claude, Dermot teria a responsabilidade de garantir que tudo funcionava da melhor forma no *Hooligans*. Que poderia fazer aquele amontoado de criaturas diferentes sem Claude para as controlar? Não sabia se Dermot conseguiria mantê-las na linha ou se ignorariam a sua autoridade.

Comecei a preocupar-me com isto, mas forcei-me a ser realista. Não poderia assumir a responsabilidade pelo *Hooligans*. Não me dizia respeito. Tanto quanto sabia, Claude teria implementado um sistema e Dermot precisaria apenas de o seguir. O *Merlotte's* era o único bar com que podia preocupar-me. Talvez a meias com o *Fangtasia*. Dois bares. Não mais.

Por falar nisso, o meu telemóvel vibrou, recordando-me de que recebíamos um carregamento de cerveja naquela manhã. Estava na altura de me preparar para o trabalho.

— Se precisares de mim, liga — disse a Dermot.

Com ar orgulhoso, como se tivesse aprendido uma frase inteligente numa língua estrangeira, Dermot disse:

— Bom trabalho.

Tomei um duche rápido e vesti uns calções e uma camisola de manga curta do *Merlotte's*. Não tive tempo de secar o cabelo por completo, mas, pelo menos, consegui aplicar um pouco de maquilhagem nos olhos antes de sair a correr. Era muito bom abandonar as minhas preocupações sobrenaturais e voltar a pensar no que tinha de fazer no *Merlotte's*, sobretudo depois de ter comprado uma parcela do negócio.

O bar rival aberto pelo falecido Victor, o *Vic's Redneck Roadhouse*, roubara muitos clientes. Para nosso alívio, a novidade dos rivais esgotava-se e alguns dos clientes habituais regressavam ao ponto de partida. Ao mesmo tempo, os protestos contra um bar pertença de um

metamorfo tinham parado desde que Sam começara a frequentar a igreja a que pertencia a maioria dos manifestantes.

Fora uma manobra surpreendentemente eficaz e orgulha-me admitir que foi ideia minha. Sam começou por rejeitá-la, mas pensou melhor depois de acalmar. Ficou muito nervoso no primeiro domingo e apenas um punhado de pessoas lhe dirigiu a palavra. Mas continuou a ir, mesmo que de forma irregular, e os membros da igreja começaram a conhecê-lo como pessoa em primeiro lugar e como metamorfo apenas em segundo.

Emprestara-lhe algum dinheiro para manter o bar aberto num momento de maiores dificuldades. Em vez de me pagar aos poucos, como imaginei que fizesse, Sam passou a considerar-me sua sócia. Após uma conversa longa e cautelosa, aumentara-me o salário e também as responsabilidades. Nunca antes tivera algo que fosse meu em parte. Nenhuma outra palavra seria tão adequada como «formidável».

Depois de começar a lidar com parte do trabalho administrativo do bar e com Kennedy a ocupar-se do balcão, Sam desfrutava de merecido tempo livre. Passava parte dele com Jannalynn, ia pescar, um passatempo que lhe agradara em criança na companhia dos seus pais. Também gostava de trabalhar na sua caravana, por dentro e por fora, aparando a sebe e plantando flores e tomates na estação adequada para diversão do resto do pessoal.

Não achei nada daquilo engraçado. Achei muito positivo que Sam gostasse de zelar pela sua casa, mesmo que fosse uma casa móvel estacionada atrás do bar.

O que mais me agradou foi ver a tensão sair-lhe dos ombros, agora que o *Merlotte's* estava novamente à tona.

Cheguei um pouco cedo. Tive tempo de tirar algumas medidas no armazém. Calculei que, se tinha autoridade para aceitar os carregamentos de cerveja, também teria autoridade para implementar algumas alterações... sujeitas à aprovação de Sam, claro.

O tipo que guiava o camião, Duff McClure, sabia exatamente onde deixar a cerveja. Contei as grades enquanto as descarregava. Ofereci-me para ajudar na primeira ocasião em que lidei com ele e Duff deixou claro que nunca permitiria que uma mulher o ajudasse a fazer trabalho físico.

— Têm vendido mais *Michelob* ultimamente — notou.

— Sim. Temos uns clientes que decidiram que não vão beber mais nada — disse-lhe. — Não tardarão a regressar à *Bud Light*.

— Precisam de *TrueBlood*?

— Sim. A grade do costume.

— Têm clientela vampira regular.

— Pequena, mas regular — concordei, concentrando-me em passar o cheque para pagar o carregamento. Tínhamos alguns dias para pagar, mas Sam pagava sempre no ato de entrega. Pareceu-me boa política.

— Recebem três ou quatro grades no *Vic's* — disse Duff, apenas para animar a conversa.

— É um bar maior. — Comecei a passar o cheque.

— Suponho que os vampiros estarão por toda a parte agora.

— Pois... — murmurei, preenchendo cuidadosamente o cheque. Levava muito a sério os meus privilégios de passagem de cheques. Assinei com um floreado.

— Até aquele bar em Shreveport, o que se soube ser um bar de lobisomens... Também passaram a receber bebidas de sangue.

— O *Hair of the Dog*? — Mustapha não referira um vampiro que passava tempo no bar dos lobisomens?

— Sim. Entreguei três grades esta manhã.

— Hmm... — Aquela notícia era perturbadora, mas o moreno Duff era um enorme mexeriqueiro e não queria que percebesse que tinha conseguido incomodar-me.

— Bom... todos têm de beber — disse eu, prontamente. — Aqui está o teu cheque, Duff. Como está a Dorothy?

Duff guardou o cheque na bolsa com fecho que mantinha num compartimento trancado aos pés do banco para os passageiros.

— Está ótima — respondeu, com um sorriso. — Disse-me que vamos ter outro pequenote.

— Excelente. Com quantos ficam?

— Este será o terceiro — disse Duff, abanando a cabeça com um sorriso matreiro. — Terão de pedir empréstimos para pagar a universidade.

— Vai correr bem — assegurei, o que não significava quase nada além da boa vontade que sentia para com a família McClure.

— Claro que sim — disse ele. — Até à próxima, Sookie. Vejo que o Sam tem a cana de pesca cá fora. Diz-lhe que pedi para me apanhar uma perca.

Depois de o camião partir, Sam saiu da caravana e veio até ao bar.

— Fizeste de propósito — disse eu. — Não gostas do Duff.

— É bom tipo — considerou Sam. — Mas fala de mais. Sempre falou.

Hesitei por um momento.

— Diz que começaram a receber *TrueBlood* no *Hair of the Dog*. — Pisava terreno instável.

— A sério? Isso é muito estranho.

Podia não conseguir ler a mente das pessoas de dupla natureza com a facilidade com que lia mentes humanas comuns, mas percebia que a surpresa de Sam era genuína. Jannalynn não lhe contara que um vampiro frequentava o bar, um bar de lobisomens. Descontraí.

— Entra e deixa-me mostrar-te uma coisa — disse eu. — Estive a tirar medidas.

— Ai. Queres mudar a mobília de sítio? — Sam esboçava um meio sorriso enquanto me seguia para o interior.

— Não. Queria comprá-la — disse, olhando-o sobre o ombro. — Aqui, vê? — Percorri uma área modesta no interior do armazém. — Aqui mesmo, junto à porta dos fundos. É aqui que precisamos de instalar uns cacifos.

— Para quê? — Sam não soou indignado, mas sim genuinamente interessado.

— Para que as mulheres que trabalham aqui não tenham de guardar as bolsas numa gaveta na tua secretária — expliquei. — Para que o Antoine e o D'Eriq possam guardar aqui uma muda de roupa. Para que cada empregado tenha um espaço próprio para guardar coisas.

— Achas que precisamos disso? — Sam parecia espantado.

— Muito — respondi. — Consultei uns catálogos e fiz uma pesquisa *online*. O melhor preço que encontrei... — Continuámos a discutir cacifos durante alguns minutos. Sam protestou contra a despesa e eu ia insistindo, mas de forma amigável.

Após teimar sem grande convicção, Sam concordou. Nunca duvidei realmente de que concordaria.

Faltavam trinta minutos para a abertura e Sam posicionou-se atrás do balcão para começar a cortar limões para o chá. Coloquei o avental e comecei a verificar os saleiros e pimenteiros nas mesas. Terry viera no início da manhã para limpar e, como sempre, fizera um bom trabalho. Endireitei algumas cadeiras.

— Quando foi o último aumento do Terry? — perguntei a Sam. As outras empregadas ainda não tinham chegado e Antoine tinha ido ao frigorífico.

— Há dois anos — respondeu Sam. — Está na hora. Mas não podia começar a distribuir aumentos até as coisas melhorarem. Continuo a achar que será melhor esperarmos até passarmos o pior.

Acenei afirmativamente, aceitando a sua opinião. Depois de ver os livros, percebia como Sam fora cuidadoso nos tempos de prosperidade, poupando dinheiro para tempos piores.

India, a mais recente contratação, chegou dez minutos mais cedo, preparada para o trabalho. Quanto mais trabalhava com ela, mais a apreciava. Era inteligente no trato com clientes difíceis. Porque a única pessoa que entrou (quando abrimos a porta às onze) foi a nossa alcoólica mais persistente, Jane Bodehouse, India foi à cozinha ajudar Antoine, que ligara as fritadeiras e aquecera a grelha. Ficava feliz por encontrar coisas para fazer no trabalho, o que era invulgar, mas agradável.

Kenya, uma das nossas agentes policiais, entrou e olhou em redor, curiosa.

— Precisas de alguma coisa, Kenya? — perguntei. — O Kevin não está. — Kevin, outro agente, estava profundamente apaixonado por Kenya e ela por ele. Almoçavam ali pelo menos uma ou duas vezes por semana.

— A minha irmã está por aqui? Disse-me que vinha trabalhar hoje — perguntou.

— A India é tua irmã? — Kenya teria uns dez anos a mais que India e a possibilidade não me tinha ocorrido.

— Meia-irmã. Sim. A nossa mãe olhou para o mapa quando nascemos — disse Kenya, como se me desafiasse a achar graça. — Deu-nos nomes de sítios para onde queria viajar. O meu irmão mais velho chama-se Spain. Tenho um irmão mais novo chamado Cairo.

— Não se ficou pelos países.

— Não, também acrescentou cidades. Achava que «Egypt» seria um nome «demasiado mastigado». É uma citação direta. — Kenya movia-se enquanto falava, seguindo o dedo que apontara à cozinha. — Obrigada, Sookie.

Os nomes de terras longínquas tinham uma certa graça. A mãe de Kenya parecia-me uma mulher divertida. A minha mãe não fora divertida. Mas é verdade que teve grandes preocupações depois do meu nascimento. Suspirei. Tentei não sentir remorso por coisas que não poderia alterar. Ouvi a voz de Kenya pela janela de serviço, direta, calorosa e clara, saudando Antoine e dizendo a India que Cairo lhe reparara o carro e que deveria ir buscá-lo quando saísse do trabalho. Alegrei-me

quando o meu irmão entrou enquanto Kenya saía. Em vez de se sentar ao balcão ou a uma mesa, veio ter comigo.

— Achas que tenho cara de Holland? — perguntei-lhe. Jason fitou-me com uma expressão confusa.

— Não. Tens cara de Sookie — respondeu. — Ouve, Sook. Vou fazê-lo.

— O quê?

Olhou-me com impaciência. Percebia que não era o rumo que esperara que a conversa seguisse.

— Vou pedir a Michele em casamento.

— Isso é ótimo! — exclamei, com entusiasmo genuíno. — Fico muito feliz por ti, Jason. A sério. Espero que aceite.

— Desta vez, vou fazer tudo como deve ser — disse, quase como se falasse para si mesmo.

O primeiro casamento fora um erro desde o início e o fim fora ainda pior.

— A Michele tem uma boa cabeça — disse-lhe.

— Não é uma criança — concordou. — Até é um pouco mais velha que eu, mas não gosta que lho diga.

— Não o vais fazer, pois não? Nada de piadas — adverti.

Sorriu-me.

— Nada de piadas. Não está grávida e tem um emprego e dinheiro dela. — Nenhuma daquelas afirmações se aplicaria à sua primeira mulher.

— Vai em frente, mano. — Abracei-o.

Sorriu-me. Era o mesmo sorriso que vencera dezenas de mulheres.

— Vai ser hoje, quando sair do trabalho. Ia almoçar aqui, mas estou demasiado nervoso.

— Avisa-me da resposta, Jason. Vou rezar por ti. — Retribuí o sorriso enquanto saía. Nunca o tinha visto tão feliz nem tão nervoso.

O *Merlotte's* começou a encher depois disso e fiquei demasiado ocupada para pensar muito. Adorava trabalhar porque podia conviver com pessoas e saber o que se passava em Bon Temps. Por outro lado, descobria demasiado na maior parte das ocasiões. Era um equilíbrio delicado entre ouvir pessoas com os ouvidos e ouvir na minha cabeça o que pensavam. E não será surpreendente que tenha uma grande reputação de excentricidade. A maior parte das pessoas, pelo menos, eram simpáticas ao ponto de já não me chamarem Sookie Maluca. Gostava de pensar que provara o meu valor na comunidade.

Tara entrou com a sua assistente, McKenna, para pedir um almoço antes da hora. Tara parecia ainda maior com a sua barriga de grávida do que parecera no *Hooligans* na noite anterior.

Porque trouxera McKenna consigo, não lhe pude perguntar o que queria saber. O que acontecera quando falara com JB sobre o seu segundo emprego no *Hooligans*? Mesmo que ele não a tivesse visto no público, saberia que lhe diríamos.

Mas Tara pensava na loja com grande determinação e, quando não planeava o reabastecimento do balcão da lingerie, concentrava-se na ementa do *Merlotte's*, a ementa muito limitada que conhecia de trás para a frente, tentando perceber o que conseguiria digerir e quantas calorias poderia ingerir sem rebentar. O cérebro de McKenna também não ajudou. Apesar de adorar saber todas as partículas de informação sobre o que acontecia em Bon Temps, não sabia o que JB fazia quando deixava o seu emprego principal. Teria ficado profundamente interessada se lhe contasse. McKenna teria adorado ser telepata durante cerca de vinte e quatro horas.

Mas, depois de ouvir coisas como «não aguento mais, vou esperar que adormeça e esfaqueio-o» ou «gostava de pegar nela, dobrá-la sobre o balcão e enfiar o...» Bom, após um ou dois dias disto, perderia o gosto.

Tara nem sequer foi à casa de banho sozinha. Arrastou McKenna consigo. Olhei-a, curiosa. Fixou em mim um olhar irritado. Não estava preparada para falar. Ainda não.

Quando o movimento do almoço acalmou, restavam apenas duas mesas ocupadas e ficavam na secção de Índia. Voltei ao gabinete de Sam para me ocupar da papelada interminável. Árvores tinham dado a vida para fazer aqueles formulários e isso parecia-me uma grande pena. Tentava preencher tudo o que podia *online*, apesar de ser muito lenta. Sam veio ao gabinete para retirar uma chave de fendas da secretária e fiz-lhe uma pergunta sobre um formulário de impostos de um funcionário. Debruçava-se sobre mim para o verificar quando Jannalynn entrou.

— Olá, Jannalynn — disse eu. Nem sequer a olhei porque identifiquei o seu padrão mental antes de entrar e esforçava-me muito para preencher o formulário enquanto as instruções de Sam continuavam frescas na memória.

— Olá, Jan — disse Sam. Sentia o sorriso na voz.

Em vez de uma resposta, houve um silêncio ameaçador.

— O que foi? — perguntei, preenchendo mais um número.

Finalmente, ergui o olhar e vi que a postura de Jannalynn era de alguém pronto a atacar. Os olhos estavam muito abertos, as narinas dilatadas e o corpo magro estava tenso.

— O que foi? — repeti, alarmada. — Estamos a ser atacados?

Sam permaneceu em silêncio. Girei a cadeira para o observar. A sua postura também era tensa. Mas na cara havia um aviso.

— Querem ficar sozinhos? — Levantei-me e saí de entre eles.

— Teria pensado que sim antes de entrar — disse Jannalynn, com os punhos cerrados como pequenos martelos.

— O quê... espera! Achas que o Sam e eu estávamos enrolados no gabinete? — Apesar do aviso de Mustapha, o meu espanto era genuíno. — Estávamos a tratar dos impostos. Se achas que há alguma coisa sensual nisso, devias trabalhar para as Finanças!

Seguiu-se um longo momento durante o qual tentei perceber se seria espancada, mas, gradualmente, a tensão acalmou. Notei que Sam não tinha dito nada, nem uma palavra, até a postura de Jannalynn descontrair por completo. Inspirei fundo.

— Dá-nos licença por um minuto, Sookie — disse Sam. Percebi que estava muito irritado.

— Com certeza. — Esgueirei-me para fora do gabinete tão depressa como um porco oleado. Preferia limpar a casa de banho dos homens depois de uma noite de sábado a ficar no gabinete de Sam.

India ajudava D'Eriq a limpar uma mesa. Olhou-me e esboçou um meio sorriso.

— Quem te pegou fogo ao rabo? — perguntou. — A namorada assustadora do Sam?

Acenei afirmativamente.

— Vou procurar alguma coisa para fazer aqui — disse-lhe. Seria uma boa oportunidade para limpar o pó às garrafas atrás do balcão e movi-as com cuidado, limpando uma secção da prateleira e passando à seguinte.

Apesar de não me conseguir impedir de imaginar o que se passaria no gabinete de Sam, recordei repetidamente que não me dizia respeito. O balcão estava imaculado quando Jannalynn e Sam surgiram.

— Desculpa — disse-me ela, sem particular sinceridade.

Acenei-lhe com a cabeça.

Jannalynn pensou: «Há de ficar com o Sam, se conseguir.»

Por favor! Pensei: «Ficaria muito feliz se eu morresse.»

A seguir, saiu. Sam seguiu-a para se despedir. Ou para se certificar de que entrava no carro. Possivelmente as duas coisas.

Quando regressou, eu estava tão desesperada por alguma coisa para fazer que me preparava para começar a contar os palitos no dispensador de plástico transparente.

— Podemos voltar à papelada amanhã — disse Sam, de passagem. Evitou o meu olhar. Estaria certamente embaraçado. Era sempre bom dar tempo às pessoas para recuperarem disso, sobretudo aos homens. Deixei Sam em paz.

Uma equipa da *Norcross* entrou. O seu turno tinha chegado ao fim e celebravam qualquer coisa. Índia e eu começámos a juntar mesas para os acomodar a todos. Enquanto trabalhava, pensei nas jovens mulheres metamorfos. Conhecera várias que eram muito agressivas, mas havia poucas líderes de alcateia femininas nos Estados Unidos, sobretudo no Sul. Algumas lobisomens que conhecera tinham-se revelado extremamente ferozes. Pensei se aquela agressividade exagerada resultaria da estrutura de poder masculina nas alcateias.

Jannalynn não era psicopata como as irmãs Pelt ou como Marnie Stonebrook. Mas preocupava-se demasiado com a sua dureza e habilidade no confronto.

Tive de abandonar o pensamento teórico para ir buscar bebidas para os homens e mulheres da *Norcross*. Sam veio colocar-se atrás do balcão e Índia e eu acelerámos o ritmo. Gradualmente, tudo voltou ao normal.

Quando me preparava para sair, Michele e Jason entraram juntos. Vinham de mãos dadas. Pelo sorriso de Jason, era fácil perceber qual tinha sido a resposta.

— Parece que vamos ser irmãs — disse Michele com a sua voz rouca. Abracei-a com muito gosto. O abraço que dei a Jason foi ainda mais apertado. Sentia o deleite na sua cabeça e os pensamentos eram uma amálgama de prazer incoerente.

— Tiveram tempo de pensar numa data?

— Nada impede que seja em breve — disse Jason. — Já fomos casados os dois e não vamos muito à igreja. Não há motivos para um casamento religioso.

Achei uma pena, mas mantive-me calada. Não ganharia nada e poderia perder muito se partilhasse a minha opinião. Eram adultos.

— Talvez precise de preparar o Cork — disse Michele, sorrindo.
— Acho que não vai ficar chateado por voltar a casar-me, mas quero

dar-lhe a notícia com cuidado. — Michele continuava a trabalhar para o seu antigo sogro, que parecia ter maior estima por Michele do que pelo seu filho preguiçoso.

— Então será em breve. Espero que me convidem.

— Claro, Sook — disse Jason, abraçando-me. — Não vamos fugir. Só não queremos uma coisa grande na igreja. Daremos uma festa em nossa casa depois. Não é, querida? — Voltou-se para Michele.

— Claro — respondeu ela. — Acendemos o grelhador. Talvez o Hoyt também possa trazer o seu e grelhamos o que as pessoas trouxerem. Outros convidados podem trazer bebidas, legumes ou sobremesas. Assim, ninguém se preocupa e todos nos divertimos.

Um casamento-piquenique. Era muito prático e discreto. Pedi-lhes para me dizerem o que poderia trazer que fosse mais útil. Depois de trocarmos muitos votos de boa vontade, saíram, continuando de mãos dadas e sorridentes.

India disse:

— Mais um que vai ao tapete. Que te parece, Sookie?

— Gosto muito da Michele. Estou muito feliz!

Sam perguntou, elevando a voz:

— Estão noivos?

— Sim — respondi, com algumas lágrimas de felicidade nos olhos. Sam fazia um esforço para soar agradado, apesar de continuar um pouco preocupado com a sua relação. Quanto a mim, a irritação que sentira por Jannalynn eclipsou-se. Sam fora meu amigo durante anos e as namoradas chegaram e partiram. Aproximei-me do balcão e debrucei-me. — Será a segunda vez para ambos. Ficam muito bem juntos.

Acenou afirmativamente, aceitando a minha afirmação tácita de que não pretendia referir a crise de ciúmes de Jannalynn.

— A Crystal não era a mulher certa para o teu irmão. A Michele sim.

— Basicamente, é isso — concordei.

Porque Holly ligou para avisar que o seu carro não pegava e que Hoyt tentava repará-lo, eu ainda estava no *Merlotte's* quando JB entrou cerca de dez minutos mais tarde. O meu amigo, o *stripper* secreto, parecia bonito e genuíno como sempre. Havia qualquer coisa em JB, qualquer coisa calorosa e simples que se tornava muito apelativa, sobretudo quando acrescentada à sua boa aparência nada ameaçadora. Era como um grande pão caseiro.

— Olá, amigo — disse-lhe. — Que posso trazer-te?
— Sookie, vi-te ontem à noite. — Esperou a minha grande reação.
— Eu também te vi. — Vira cada centímetro do seu corpo.
— A Tara estava lá — informou-me JB como se me desse uma novidade. — Vi-a enquanto saía.
— Sim — concordei. — Pois estava.
— Estava zangada?
— Ficou muito surpreendida — disse, cautelosamente. — Estás mesmo a dizer-me que não falaram sobre a noite passada?
— Cheguei muito tarde — disse. — Dormi no sofá. Quando acordei hoje de manhã, a Tara já tinha ido para a loja.
— Ó, JB. — Abanei a cabeça. — Querido, tens de falar com ela.
— Que posso dizer? Sei que deveria ter-lhe contado. — Fez um gesto de impotência com as mãos. — Não consegui pensar noutra forma de ganhar dinheiro extra. A loja não tem tido grande lucro e eu não ganho muito. Não temos um bom seguro de saúde. Gémeos! A conta do hospital será pesada. E se um deles vier doente?

Era tão tentador dizer-lhe para não se preocupar... mas ele tinha bons motivos para se sentir assim e seria condescendente dizer-lhe o contrário. JB tomara uma decisão inteligente. Inteligente para o que era habitual nele, pelo menos. Encontrara uma forma de usar os seus dotes para ganhar dinheiro. O erro fora não informar a mulher de que se despia à frente de muitas mulheres com periodicidade semanal.

Fomos conversando enquanto JB fazia durar uma cerveja ao balcão. Demonstrando grande tato, Sam fingiu estar ocupado e alheio à nossa conversa intermitente. Aconselhei JB a cozinhar alguma coisa especial para Tara nessa noite ou a passar pelo *Wal-Mart* para lhe comprar um pequeno ramo de flores. Talvez lhe pudesse fazer uma massagem aos pés e às costas, qualquer coisa que a fizesse sentir-se amada e especial.

— E não lhe digas que está grande! — adverti, espetando-lhe um dedo no peito. — Não te atrevas! Diz-lhe que está mais bonita que nunca, agora que está grávida dos vossos filhos!

JB pareceu prestes a dizer: «Mas isso não é verdade.» Pensava-o, pelo menos. Olhou-me e manteve os lábios fechados.

— Não importa qual seja a verdade. Dizes que está linda! — disse-lhe. — Sei que a amas.

Afastou o olhar por um instante, testando a verdade da afirmação. A seguir, acenou com a cabeça.

— É verdade que a amo — disse. Depois, sorriu. — Completa-me — acrescentou, orgulhoso. JB adorava citar filmes.

— Trata de a completar também a ela — disse-lhe. — Precisa de se sentir bonita e adorada porque se sente grande, trapalhona e desconfortável. Não é fácil estar grávida. Ouvi dizer.

— Vou tentar, Sookie. Posso ligar-te se não funcionar?

— Sim, mas sei que vais conseguir resolver isto, JB. Só precisas de ser carinhoso e sincero e acabará por te perdoar.

— Gosto de fazer *strip* — disse ele, subitamente, enquanto eu lhe voltava as costas.

— Eu sei — retorqui.

— Sabia que compreenderias. — Bebeu um último gole de cerveja, deixou uma gorjeta a Sam e saiu para o seu trabalho no ginásio de Clarice.

— Deve ser o dia dos casais — disse India. — O Sam e a Jan-nalynn, o Jason e a Michele, o JB e a Tara. — Aquilo não parecia deixá-la particularmente feliz.

— Ainda estás com a Lola? — Apesar de saber a resposta, era sempre melhor perguntar.

— Não. Não funcionou.

— Sinto muito — disse-lhe. — Talvez algum dia, em breve, a mulher certa entre pela porta do bar e seja tudo o que procuras.

— Espero que sim. — India parecia deprimida. — Não sou grande fã da indústria dos casamentos, mas gostaria de uma relação estável. Os encontros deixam-me confusa.

— Eu nunca tive jeito para encontros.

— É por isso que estás com o vampiro? Para afugentar os outros pretendentes?

— Amo-o — disse, com firmeza. — É por isso que estou com ele. — Não referi que os humanos me eram impossíveis de suportar. Não conseguem imaginar o que é ler a mente de alguém com quem saímos durante todos os momentos. Não é nada divertido.

— Não precisas de ficar defensiva — disse India.

Achei que tinha sido apenas direta.

— É divertido — acrescentei, moderando o tom. — E trata-me bem.

— São... Não sei como perguntar isto, mas são frios, não são?

India não era a primeira pessoa a tentar encontrar uma forma delicada de me perguntar aquilo. Não havia forma delicada.

— Não têm a temperatura ambiente — disse. Deixei as coisas assim. Pormenores adicionais não diriam respeito a mais ninguém.

— Bolas — exclamou ela após um momento. Um instante mais e acrescentou: — *Blhec*.

Encolhi os ombros. Abriu a boca, parecendo querer perguntar mais alguma coisa. A seguir, fechou-a.

Felizmente para ambas, os clientes numa das suas mesas pediram a conta e uma das amigas de Jane Bodehouse entrou, completamente bêbada, dando-nos coisas para fazer. Holly chegou finalmente para me substituir, queixando-se do seu carro imprestável. Índia fazia um turno duplo e manteve o avental vestido. Despedi-me de Sam com um aceno casual, feliz por poder sair dali.

Consegui chegar à biblioteca antes de fechar e, a seguir, passei pelos correios para comprar selos na máquina colocada na entrada. Halleigh Bellefleur estava lá com o mesmo objetivo e cumprimentámo-nos com agrado real. Sabem como é quando gostamos de alguém mesmo que não convivamos muito tempo? Halleigh e eu não tínhamos grande coisa em comum, desde as nossas origens à nossa experiência académica e aos nossos interesses, mas gostávamos uma da outra, mesmo assim. A barriga de grávida de Halleigh era bastante notória e parecia tão feliz como Tara parecia miserável.

— Como está o Andy? — perguntei.

— Não tem dormido bem com a excitação pelo bebé — disse. — Liga-me do trabalho a perguntar como estou e para saber quantas vezes senti pontapés.

— O nome que escolheram continua a ser Caroline?

— Sim. Ficou muito feliz quando lho sugeri. Foi criado pela avó que era uma mulher e tanto, mesmo que fosse um pouco assustadora. — Halleigh sorriu.

Caroline Bellefleur fora muito mais do que apenas «um pouco assustadora». Fora a última grande senhora de Bon Temps. E também fora bisneta do meu amigo Bill Compton. A bebé de Halleigh seria aparentada com ele com mais alguns graus de separação.

Contei a Halleigh o noivado de Jason e ouvi-a dizer todas as coisas certas. Era tão delicada como a avó de Andy e muito mais calorosa.

Apesar de ser bom vê-la, quando regresssei ao carro com os selos, sentia-me um pouco abatida. Girei a chave na ignição, mas não coloquei a alavanca das mudanças na marcha-atrás.

Eu sabia que era uma mulher de sorte em muitos aspetos. Mas criava-se vida a toda a minha volta e em mim não...

Travei essa linha de pensamento com uma ordem brusca para mim própria. Não seguiria pelo caminho da autocomiseração. Lá por não estar grávida e casada com alguém que me pudesse engravidar, não seria motivo para me sentir como uma ilha no curso do rio. Sacudi-me e determinei-me a completar o resto das minhas tarefas. Quando avistei Faye de Leon saindo do *Grabbit Kwik*, a minha postura ajustou-se. Faye estivera grávida seis vezes e tinha aproximadamente a minha idade. Contara a Maxine Fortenberry que não desejara os últimos três filhos. Mas o marido adorava vê-la grávida e adorava crianças e Faye aceitara ser usada como «uma fábrica de crias», como Maxine referiu.

Sim, foi um grande ajustamento de postura.

Jantei, vi televisão e li um dos novos livros que trouxera da biblioteca, sentindo-me muito bem sozinha, sempre que pensava em Faye.



Não houve grandes revelações no trabalho no dia seguinte e nenhum incidente digno de nota. Agradou-me que assim fosse. Recolhi pedidos, levei bebidas e comida e guardei gorjetas no bolso. Kennedy Keyes ocupava-se do balcão. Receei que continuasse a discutir com Danny, mesmo que este estivesse na loja de bricolagem, fazendo horas de trabalho. Kennedy estava calada e parecia deprimida. Sentia pena dela, mas não queria descobrir mais pormenores sobre os seus problemas românticos. Ou sobre os problemas românticos de qualquer outra pessoa. Os meus problemas eram suficientes.

Precisava de fazer um esforço consciente para bloquear pensamentos alheios. Apesar de ter melhorado com o tempo, continuava a ser trabalhoso. Não precisava de me esforçar tanto com as pessoas de dupla natureza porque os seus pensamentos não são tão claros como os dos humanos comuns. Captava apenas uma frase ou emoção aqui e ali. Mesmo entre os humanos comuns, alguns são transmissores mais claros que outros. Mas, antes de aprender a escudar o cérebro, era como ouvir dez estações de rádio em simultâneo. Era difícil agir com normalidade com tanta coisa a passar-se no cérebro e com o esforço acrescido para ouvir o que as pessoas me diziam com as suas vozes.

Durante esse período de normalidade, consegui ter alguma paz. Convenci-me de que o encontro com Felipe correria bem, que acreditaria que não tínhamos matado Victor ou que a sua morte tinha sido

justificada. Não tinha pressa de o enfrentar para descobrir se aconteceria ou não.

Deixei-me ficar no bar a conversar durante alguns minutos e, no caminho para casa, abasteci o carro com gasolina. Comprei uma sandes de frango no *Sonic* e dirigi-me para casa devagar.

O Sol punha-se tão tarde no verão que os vampiros levariam ainda algumas horas a acordar. Não tinha tido notícias de ninguém do *Fangtasia*. Nem sequer sabia quando me esperavam. Sabia apenas que teria de ter bom aspeto porque Eric o exigiria diante de visitas.

Dermot não estava em casa. Esperei que Claude tivesse regressado da sua viagem misteriosa a Faery, mas, se regressara, não havia disso quaisquer sinais. Não podia dar-me ao luxo de me preocupar com os fae naquela noite. Tinha de me concentrar nos problemas dos vampiros.

Sentia-me demasiado ansiosa para comer mais do que metade da sandes. Separei o correio que tinha trazido da caixa ao fundo do caminho, deitando a maior parte no lixo. Tive de resgatar a conta da eletricidade, depois de a ter deitado fora juntamente com o catálogo de uma promoção de mobiliário. Abri o envelope para conferir a quantia devida. Era melhor que Claude não demorasse a regressar de Faery. Usava eletricidade sem qualquer cuidado e a minha conta quase duplicara de tamanho. Quis que pagasse a sua parte. A água era aquecida por um esquentador a gás e também essa conta estava bastante elevada. Coloquei o jornal de Shreveport sobre a mesa para ler mais tarde. Estaria certamente repleto de más notícias.

Tomei banho e retoquei o cabelo e a maquilhagem. Estava tanto calor que não queria vestir calças, e calções não se adequariam à formalidade esperada por Eric. Suspirei, resignando-me ao inevitável. Comecei a procurar entre os vestidos de verão. Felizmente, tinha rapado as pernas, um hábito que Eric achava simultaneamente fascinante e bizarro. Tinha a pele morena por estarmos a meio da estação do bronzeado, e o cabelo estava mais claro e continuava com bom aspeto graças ao corte de emergência aplicado pelo cabeleireiro Immanuel algumas semanas antes. Vesti uma saia branca, uma blusa sem mangas azul-clara e um cinto de couro preto muito largo que deixara de servir a Tara. As minhas sandálias pretas caras continuavam em muito bom estado. Demorei a mão sobre a gaveta do toucador. No interior, camuflado sob uma fina camada de pó-de-arroz, havia um poderoso artefacto mágico das fadas chamado «cluviel dor».

Nunca me ocorreu transportá-lo comigo. Parte de mim receava desperdiçar o seu poder. Se o usasse de forma irrefletida, seria como usar uma bomba nuclear para matar uma mosca.

O cluviel dor era um objeto raro e antigo, oferecido pelas fadas como prova de amor. Era o equivalente entre os fae a um ovo de Páscoa *Fabergé*, mas com propriedades mágicas. O meu avô (não o meu avô humano, mas o meu avô meio-fada, Fintan, o gêmeo de Dermot) oferecera-o à minha avó Adele, que o escondera. Nunca me falou dele e descobrira-o pouco antes durante a limpeza do sótão. A sua identificação e a determinação das suas propriedades fora mais demorada. Só o advogado meio-demónio Desmond Cataliades sabia que o tinha... apesar de ser possível que a minha amiga Amelia desconfiasse, já que lhe tinha pedido para me explicar o que podia fazer.

Até àquele momento, mantivera-o escondido, tal como a minha avó fizera. Não podia viver com uma arma na mão à espera que alguém me atacasse, não é? Apesar de o cluviel dor ser um presente de amor e não uma arma, o seu uso teria resultados igualmente dramáticos. A posse do cluviel dor concedia um desejo ao possuidor. Esse desejo teria de ser pessoal, para beneficiar o possuidor ou alguém que o possuidor amasse. Mas imaginara alguns cenários horríveis. E se desejasse que um carro não me batesse e o fizesse chocar contra outro carro, matando uma família inteira? E se desejasse que a minha avó estivesse viva e, em vez de a rever como era, me deparasse com o seu cadáver?

Compreendia porque o escondera com tanto cuidado. Compreendia que o seu potencial a assustara e que talvez não acreditasse que uma cristã devesse usar magia para alterar a sua história.

Por outro lado, o cluviel dor poderia ter-lhe salvado a vida se o tivesse consigo quando foi atacada, mas estava numa gaveta secreta numa velha escrivaninha no sótão e acabou por morrer. Era como pagar por um serviço *Life Alert* e deixar o dispositivo com o botão de emergência no armário da cozinha, longe do alcance. Ninguém poderia usá-lo para o mal, mas era também impossível usá-lo para o bem.

Se formular um desejo podia ter resultados catastróficos, a simples posse do cluviel dor era quase igualmente perigosa. Se alguém, alguma criatura sobrenatural, descobrisse que tinha aquele objeto espantoso, correria perigo ainda maior do que o habitual.

Abri a gaveta e olhei para o presente de amor da minha avó. Tinha cor verde-clara e não era muito diferente de uma caixa de pó-de-arroz

grossa. Era por isso que o guardava na gaveta da maquiagem. A tampa estava decorada com uma barra de ouro. Não abria. Nunca fora aberto. Não sabia como ativá-lo. Na minha mão, o cluviel dor irradiava o mesmo calor que sentia quando estava perto de Niall... o mesmo calor multiplicado por cem.

Senti-me tão tentada a guardá-lo na bolsa. A minha mão pairou sobre ele.

Tirei-o da gaveta e voltei-o nas mãos. Enquanto segurava o objeto macio, sentindo um prazer intenso pela sua proximidade, pesei o benefício de o levar comigo contra os riscos.

Acabei por voltar a colocá-lo na gaveta com o aplicador de pó-de-arroz por cima.

O telefone tocou.

Pam disse:

— O nosso encontro será em casa de Eric às nove.

— Pensei que devia ir ao *Fangtasia* — retorqui, um pouco surpresa. — Está bem. Ponho-me a caminho.

Sem responder, Pam desligou. Os vampiros não eram muito habilidosos em etiqueta telefónica. Debrucei-me para o espelho enquanto aplicava o batom.

Dois minutos depois, o telefone voltou a tocar.

— Estou?

— Sookie — disse a voz grave de Mustapha. — Não precisas de chegar antes das dez.

— Hmm? Bom... está bem. — Dar-me-ia mais tempo. Não teria de arriscar uma multa por excesso de velocidade e havia mais algumas coisas que queria fazer antes de sair.

Disse uma oração e fiz a dobra na cobertura da cama como sinal de fé de que voltaria e dormiria nela. Reguei as plantas, como precaução, verifiquei os *emails* e não achei nada interessante. Depois de me ver mais uma vez no espelho de corpo inteiro da casa de banho, decidi partir. Tinha uma margem confortável.

Ouvi música de dança no caminho para Shreveport e acompanhei a letra de *Saturday Night Fever*. Adorava ver o jovem John Travolta dançar. Era uma coisa que fazia bem. Só cantava quando estava sozinha. Cantarolei *Stayin' Alive* consciente de que poderia aplicar-se a mim. Quando parei na portaria do condomínio fechado de Eric, estava um pouco menos preocupada acerca da noite.

Pensei onde estaria Dan Shelley. O novo guarda, um humano

musculado que a placa identificativa dizia chamar-se «Vince» mandou-me passar com um gesto sem se levantar.

— Divirta-se na festa — disse.

Um pouco surpresa, sorri e acenei-lhe. Pensava que iria a um Conselho sério, mas, evidentemente, a visita do Vampiro-Mor era um evento social.

Apesar de os vizinhos finos de Eric não verem com bons olhos carros estacionados na rua, estacionei mesmo assim por não querer ficar bloqueada. A rampa larga à esquerda do jardim, subindo em inclinação suave até à garagem de Eric, estava apinhada. Nunca vira tantos carros ali. Ouvia música vinda do interior com volume moderado. Os vampiros não precisavam de pôr o volume no máximo como os humanos. Ouviam demasiado bem.

Desliguei o motor e fiquei sentada ao volante, tentando compor as ideias antes de entrar no covil dos leões. Porque não respondera que não quando Mustapha me disse para vir? Até ali, nunca me ocorrera a opção de ficar em casa. Teria vindo por amar Eric? Ou por estar tão envolvida no mundo dos vampiros que recusar a convocatória nem sequer me parecera uma possibilidade?

Talvez um pouco das duas coisas.

Voltei-me para abrir a porta do *Malibu* e vi Bill. Dei um grito, assustada.

— Sabes muito bem que não deves fazer isso! — rosnei, grata pela oportunidade para transformar parte do medo em raiva. Saí do banco do condutor e bati a porta com força.

— Volta para Bon Temps, querida — disse Bill. Com as luzes fortes dos candeeiros, o meu primeiro amante vampiro parecia terrivelmente branco, com a exceção dos olhos, que eram poços de sombra. O cabelo escuro e abundante e a roupa escura aumentavam ainda mais o contraste, de tal forma que parecia pintado com tinta fluorescente, como um letreiro.

— Estava sentada no carro a pensar nisso — admiti. — Mas é tarde de mais.

— Deves ir. — Estava a ser sincero.

— Ah... isso seria abandonar Eric num momento de dificuldade — afirmei. E talvez houvesse uma pontada de interrogação na minha voz.

— Não precisará de ti esta noite. Por favor, volta para casa. — A mão fria de Bill segurou a minha e aplicou uma pressão muito delicada.

— É melhor que me digas o que se passa.

— Felipe trouxe alguns dos seus vampiros consigo. Passaram por um bar e trouxeram alguns humanos para beber uns copos. E para os encher também. O seu comportamento é... bom... lembras-te de como Diane, Liam e Malcolm te enojaram?

Os três vampiros, agora mortos pela segunda e derradeira vez, não tinham sentido qualquer pudor em fazer sexo com humanos à minha frente e não fora só isso.

— Sim. Lembro-me.

— Felipe costuma ser mais discreto, mas está com disposição festiva esta noite.

Engoli em seco.

— Disse ao Eric que viria — expliquei. — O Felipe poderá interpretar mal a minha ausência, por ser casada com ele. — Eric coagira-me a aceitar o título por me proporcionar alguma proteção.

— Eric sobreviverá à tua ausência — disse Bill. Se tivesse alongado a frase, não sabia como terminaria. — Mas tu poderás não sobreviver à tua presença. — E continuou: — Obrigaram-me a ficar de guarda. Não permitem que entre. Não poderei proteger-te.

Deixar o cluviel dor em casa fora um erro.

— Bill, consigo tomar conta de mim — disse-lhe. — Deseja-me sorte, ouviste?

— Sookie...

— Tenho de entrar.

— Nesse caso, desejo-te sorte. — A sua voz era dura, mas os olhos não.

Tinha uma escolha. Podia ser formal e entrar pela porta da frente. Um trilho de pedras afastava-se da rampa e alongava-se numa curva sinuosa até à enorme porta principal. O trilho era ladeado por bonitos arbustos de murta florida. A minha outra opção seria continuar pela rampa acima, virando à direita para a garagem e entrando pela cozinha. Foi essa a opção que escolhi. Afinal, estava mais em casa ali do que qualquer dos visitantes do Nevada. Acelerei o passo pela rampa acima, com os tacões ecoando pela rua silenciosa.

A porta da cozinha estava destrancada, o que não era habitual. Olhei em redor no interior da cozinha grande e inútil. Alguém deveria guardar aquela porta, certamente, com convidados no interior.

Percebi finalmente que Mustapha Khan se erguia junto às portas envidraçadas ao fundo da cozinha, atrás da mesa de pequeno-almoço

que nunca era usada por ninguém para tomar o pequeno-almoço. Admirava a noite no exterior.

— Mustapha? — disse-lhe.

O assistente diurno voltou-se. A sua postura era muito tensa. Um movimento do queixo serviu de saudação. Apesar da hora, Mustapha mantinha os óculos escuros postos.

Procurei a sua sombra, mas não vi Warren.

Pela primeira vez, desejei saber o que Mustapha pensava... mas os seus pensamentos eram tão opacos como os de todos os lobisomens que conhecera.

Senti um arrepio na pele e não percebi porquê.

— Como estão as coisas por aqui? — perguntei, mantendo a voz baixa.

Após uma pausa, respondeu-me, baixando também a voz:

— Talvez devesse trabalhar para duendes. Ou talvez tivesse sido melhor juntar-me à alcateia e deixar que Alcide me desse ordens. Seria melhor do que isto. No teu lugar, enfiava-me no carro e voltava para casa. Se o Eric não me pagasse tão bem, faria o mesmo.

A situação começava a parecer-se cada vez mais com o início de um conto de fadas.

Primeiro Homem: Não atraveses a ponte. É perigoso.

Heroína: Mas tenho de atravessar a ponte.

Segundo Homem: Pela tua vida, não atraveses a ponte!

Heroína: Mas tenho de atravessar a ponte.

Num conto de fadas, haveria um terceiro encontro. Eram sempre três. E talvez me esperasse mais um. Mas já percebera a ideia.

A ansiedade deslizou-me pelas costas abaixo como gotas de suor. Não queria nada atravessar a ponte. Talvez devesse seguir pela estrada abaixo?

Mas Pam entrou na cozinha e a minha oportunidade perdeu-se.

— Ainda bem que chegaste — exclamou, com o seu ténue sotaque britânico mais aparente do que o habitual. — Receava que não viesse. Felipe notou a tua ausência.

— Mas mudaram a hora — repliquei, intrigada. — O Mustapha disse-me que viesse... — Olhei para o relógio no micro-ondas. — Agora mesmo.

Pam abanou a cabeça e olhou para Mustapha com uma expressão que parecia mais confusa do que irritada.

— Falamos depois — disse-lhe. Fez um gesto impaciente, mandando-me segui-la.

Demorei um segundo a guardar a bolsa num dos armários da cozinha, apenas porque a cozinha era o sítio mais seguro para guardar coisas na casa de um vampiro. Antes de seguir Pam para a grande sala de estar/jantar, forcei um sorriso. Não resisti a olhar para Mustapha sobre o ombro, mas vi apenas o negrume das suas lentes escuras.

Olhei em frente. Quando se está perto de vampiros, é sempre mais aconselhável que nos mantenhamos atentos ao que nos espera.

Apesar de a decoração arrojada de Eric ter merecido destaque na *Louisiana Interiors*, o fotógrafo dificilmente teria reconhecido a sala naquela noite. As cortinas floridas diante das janelas dianteiras estavam corridas por completo. Não havia flores frescas. Um grupo que misturava humanos e vampiros distribuía-se pelo espaço amplo.

Um homem incrivelmente musculado com cabelo louro tingido dançava com uma jovem à minha esquerda, perto da mesa de jantar que Eric usava para reuniões de negócios. Quando me aproximei, pararam de dançar e começaram a beijar-se, de forma ruidosa e com muita língua à mistura. Um vampiro de queixo quadrado bebia o sangue de uma mulher bem dotada no sofá e não tentava ser cuidadoso. Havia gotas de sangue nos estofos.

Senti-me irritada. Mais ainda quando interiorizei que uma vampira ruiva que não conhecia estava de pé sobre a mesinha de Eric (com saltos altos!), dançando ao som de um velho CD dos Rolling Stones. Outro vampiro de cabelo preto olhava-a com apreço casual como se a tivesse visto fazer o mesmo muitas vezes, mas continuasse a apreciar o espetáculo. Os saltos agulha da vampira cravavam-se na madeira da mesa, uma das peças preferidas de Eric.

Senti os lábios ficarem tensos como cordéis subitamente puxados. Um olhar de soslaio a Pam mostrou-me que mantinha a face tão inexpressiva como uma terrina ornamental. Com grande esforço, contive também a expressão. Tínhamos acabado de substituir as carpetes e as paredes tinham sido pintadas de novo depois da confusão com Alexei Romanov! Os estofos teriam de ser novamente limpos e teria de encontrar alguém para aplicar nova camada de verniz na mesa.

Recordei-me que tinha problemas maiores do que algumas manchas e riscos.

Bill estivera certo. Mustapha também. Não devia estar ali. Apesar do que Pam dissera, não acreditava que qualquer um dos vampiros

presentes tivesse sentido a minha falta. Estavam todos demasiado ocupados para isso.

Foi então que o homem que observava a dançarina voltou a cabeça para me olhar. Percebi que estava completamente vestido (obrigado, Deus!) e que era Felipe de Castro. Sorria-me. Os caninos brancos longos refletiam a luz que vinha de cima. Sim, a dança agradara-lhe muito.

— Menina Stackhouse! — afirmou, languidamente. — Receava que não viesse hoje. Há muito tempo que não tenho o prazer de a ver. — Com o sotaque carregado de Felipe, o meu nome transformava-se em «Mêniiná Stékhus». Quando o conheci, o rei vestia uma capa (a sério). Naquela noite, parecia mais conservador com uma camisa cinzenta, um colete prateado e calças pretas.

— Já lá vai algum tempo, majestade — disse-lhe, não conseguindo pensar em mais nada. — Lamento chegar um pouco tarde para a receção. Onde está o Eric?

— Num dos quartos — respondeu Felipe, continuando a sorrir. O bigode e a barba recortada no queixo eram perfeitamente negros e estavam perfeitamente cuidados. O rei do Nevada, do Arkansas e do Louisiana não era um homem alto. Era muito bonito e possuía uma vitalidade incrivelmente atraente, mas não para mim e nunca naquela noite. Felipe era também um político hábil, pelo que ouvira dizer, e seria certamente um homem de negócios competente. Era impossível calcular quanto dinheiro conseguira acumular durante a sua longa vida.

Retribuí o sorriso ao rei de forma nada convicta. Sentia-me muito incomodada. Os visitantes do Nevada comportavam-se como bombeiros de uma cidade pequena com rédea solta durante uma convenção em Nova Orleães. Que viessem de Las Vegas para se comportarem mal em Shreveport... bom, não abonava em seu favor.

«Num dos quartos» não soava bem, mas claro que essa fora a intenção de Felipe.

— Será melhor procurá-lo e avisar que cheguei — disse eu, voltando-me para Pam. — Vamos, amiga.

Pam pegou-me na mão e a noite poderia ser avaliada pelo facto de o gesto me parecer confortante. A sua face estava inerte como se fosse de cera.

Enquanto navegávamos pela sala (o homem musculado não estava realmente a fazer sexo com a companheira, mas não faltaria muito), Pam silvou:

— Viste aquilo? Nunca conseguirão tirar o sangue dos estofos.
— Não será tão difícil de limpar como na noite em que o Alexei perdeu o juízo aqui — repliquei, tentando colocar as coisas em perspectiva. — Ou o bar depois de fazermos... aquela coisa. — Não queria dizer «depois de matarmos Victor» em voz alta.
— Mas isso foi divertido. — Pam quase fazia beijo.
— E não achas que isto seja?
— Não. Gosto dos meus prazeres mais pessoais e privados.
— Eu também — concordei. — Porque está o Eric ali e não aqui?

— Não sei. Fui comprar bebidas e acabo de chegar — disse, brevemente. — Mustapha insistiu que precisávamos de mais rum.

Pam seguia as indicações de Mustapha? Mantive os lábios unidos. Não me dizia respeito.

Quando chegámos à porta do quarto que usava quando ficava com Eric, por não querer ficar fechada com ele lá em baixo no seu quarto de sono diurno que bloqueava toda a luz, Pam adiantou-se, empurrou a porta e estacou. Eric estava no interior, sentado na cama e alimentando-se de alguém, uma mulher de cabelo escuro. Estava tombada no seu colo, com o vestido garrido torcido sobre o corpo e uma mão apertando-lhe o ombro enquanto o vampiro lhe sugava o pescoço. Com a outra mão... tocava-se.

— Seu sacana — disse eu, voltando para trás. Sair dali era o meu maior desejo. Eric ergueu a cabeça, com a boca sangrenta, e os seus olhos fixaram-se nos meus. Estava... embriagado.

— Não podes ir — disse Pam. Segurou-me o braço e percebi que preferia parti-lo a deixar-me ir. — Se fores agora, pareceremos fracos e Felipe reagirá. Todos sofreremos. Há algo errado com Eric.

— Não quero saber — retorqui. Sentia a cabeça estranhamente ligeira e o choque deixara-me distante. Pensei se desmaiaria, vomitaria ou saltaria sobre Eric para o estrangular.

— Tens de ir — disse Eric à mulher. A sua voz soava arrastada. Que raio?

— Mas estávamos a chegar à parte melhor — disse ela, usando o que pensava ser uma voz sedutora. — Não me obrigues a ir, querido. Não antes do grande momento. Se quiseres que ela se junte a nós, não me importo. — Precisou de grande esforço para dizer aquilo tudo. Estava branca como um lençol. Perdera muito sangue.

— Tens de ir — repetiu Eric, de forma ligeiramente mais clara. A

voz tinha a entoação que os vampiros usavam quando queriam afastar humanos.

Apesar de me recusar a olhar para a morena, percebi quando saiu de cima da cama e de Eric. Percebi quando cambaleou e quase caiu. «Agora posso ficar com o carro», pensou.

Senti-me tão sobressaltada por ouvir isto que me voltei para a observar. Era mais jovem que eu e era magra. De alguma forma, aquilo tornava pior a prevaricação de Eric. Após um segundo, consegui perceber, superando a minha agitação, que tinha muitas coisas doentias na cabeça. O que lhe passava pela mente era igualmente horrendo e confuso. Ódio por si própria salpicava-lhe os pensamentos de cinzento, como se apodrecesse de dentro para fora. A superfície ainda parecia bonita, mas não permaneceria assim durante muito tempo.

Além disso, a rapariga tinha sangue de duas naturezas, apesar de não conseguir perceber qual era a segunda... talvez lobisomem. Um dos seus pais era legítimo. Fazia sentido, levando em consideração a condição de Eric. Sangue metamorfo era muito forte para os vampiros e conseguira reforçá-lo de alguma forma para se tornar ainda mais inebriante.

Pam disse:

— Não sei quem és ou como entraste, miúda, mas é melhor que saias agora.

A rapariga riu-se, algo que nem Pam nem eu esperávamos. Pam estremeceu e senti um clarão na cabeça. Acrescentara raiva ao nojo. Riso! Os meus olhos fixaram-se nos da rapariga. O sorriso desapareceu-lhe da cara e empalideceu.

Eu podia não ser uma vampira, mas calculo que parecia intimidante.

— Está bem, está bem. Já vou. Estarei fora de Shreveport quando o Sol nascer. — Mentia. Decidira fazer uma última tentativa para... para quê? Dirigiu-me um riso trocista e afirmou: — Não tenho culpa da fome do teu homem... — Antes que conseguisse mover-me, Pam empurrou-a. A rapariga embateu contra a parede e deslizou para o chão.

— Levanta-te — ordenou Pam, com entoação letal.

Fazendo um esforço visível, a rapariga levantou-se. Os sorrisos e as afirmações provocadoras tinham-se esgotado. Passou perto de mim quando saiu do quarto e senti-lhe o cheiro. Não apenas um indício de metamorfo, mas um outro aroma... sangue com um sublinhado doce. Percorreu o corredor e saiu para a sala de estar, usando uma mão para se apoiar contra a parede.

Depois de ela passar a porta, Pam fechou-a. O quarto estava estranhamente silencioso.

O meu cérebro acelerava em cem direções diferentes. Da chegada tardia, ao novo guarda na portaria, aos pensamentos estranhos que captara na rapariga, ao cheiro estranho quando passou perto de mim... A seguir, foquei-me num alvo diferente.

O meu «marido».

Eric continuava sentado na beira da cama.

Da cama que me habituara a considerar minha. Da cama em que fazíamos sexo. Da cama onde dormia.

Falou-me diretamente:

— Sabes que bebo sangue... — começou, mas ergui-lhe uma mão.

— Não fales — disse. Pareceu indignado e abriu a boca. Repeti: — Não. Fales.

Sinceramente, se pudesse ficar sozinha durante trinta minutos (ou trinta horas ou trinta dias), conseguiria lidar com a situação. Naquelas circunstâncias, precisava de fazer um discurso acelerado a mim própria dentro da minha cabeça.

Sabia que não era a única fonte de alimento de Eric. (Uma pessoa não conseguirá alimentar um vampiro sozinha. Não um vampiro que não suplementa a sua alimentação com sangue sintético.)

Não podia culpá-lo por precisar de se alimentar, blá, blá.

Quando é livremente oferecido, porque não aceitar, blá, blá.

Mas.

Sabia que estaria prestes a chegar.

Sabia que o deixaria beber.

Sabia que o facto de ter escolhido beber de outra mulher me magoaria profundamente. E fê-lo, mesmo assim. A não ser que houvesse alguma coisa que desconhecia acerca daquela mulher ou alguma coisa que lhe tivesse feito para desencadear aquela reação, aquilo significava que não se importava tanto comigo como sempre me fizera pensar.

Podia pensar apenas: «Graças a Deus por ter quebrado o elo de sangue. Se sentisse o seu prazer enquanto a sugava, queria matá-lo.»

Eric disse:

— Se não tivesses quebrado o nosso elo de sangue, isto nunca teria acontecido.

Novo clarão na cabeça.

— É por isto que não ando com uma estaca — murmurei, praguejando em voz baixa de forma prolongada e fluente.

Não pedira a Pam para não falar. Depois de me olhar demoradamente para avaliar a minha disposição, disse:

— Sabes que te habituarás daqui a pouco. Foi uma questão de oportunidade e não de infidelidade.

Após um longo momento de rancor pela sua crença de que aceitaria o comportamento de Eric, vi-me forçada a acenar afirmativamente. Não concordava necessariamente com a mensagem por trás das suas palavras (achava que, quando me acalmasse, deixaria de me incomodar o que Eric tinha feito). Limitava-me a reconhecer que tinha alguma razão. Apesar de me fazer gritar por dentro, repeli tudo o que queria dizer a Eric porque aconteciam coisas mais urgentes. Até eu conseguia percebê-lo.

— Ouçam, o mais importante é isto — disse eu, fazendo Pam acenar com a cabeça. Eric pareceu surpreendido e endireitou as costas. Parecia-se mais consigo mesmo, mais alerta e inteligente. — Aquela rapariga não se limitou a aparecer aqui. Foi enviada — expliquei.

Os vampiros olharam um para o outro. Encolheram os ombros em simultâneo.

— Nunca a tinha visto antes — disse Eric.

— Pensei que tivesse vindo com os humanos trazidos por Felipe — disse Pam.

— Há um tipo novo na portaria. — Olhei de um para o outro. — Para onde foi o Dan Shelley? E logo nesta noite? Depois de a Pam me ligar para me pedir que estivesse aqui às nove, o Mustapha ligou-me logo a seguir e disse-me que devia vir uma hora mais tarde. Eric, aquela rapariga não te pareceu ter um sabor diferente?

— Sim — respondeu, acenando lentamente com a cabeça. — Ainda sinto os efeitos. Era particularmente...

— Como se tivesse algum tipo de suplemento? — Suprimi nova pontada de mágoa e raiva.

— Sim — concordou. Levantou-se, mas percebi que ficar de pé não era fácil. — Sim. Como se o seu sangue fosse um *cocktail* de metamorfo e fada. — Fechou os olhos. — Delicioso.

Pam disse:

— Eric, se não estivesses faminto, terias questionado uma chegada tão oportuna.

— Sim — concordou. — A minha mente ainda não está clara, mas percebo que as tuas palavras fazem sentido.

— Sookie, o que captaste na sua mente? — perguntou Pam.

— Pagavam-lhe. Mas a possibilidade de morrer parecia entusias-
má-la. — Encolhi os ombros.

— Mas não morreu.

— Não. Cheguei a tempo de interromper o que teria sido uma
refeição fatal. Não é, Eric? Terias conseguido parar?

Pareceu profundamente envergonhado.

— Talvez não. O meu controlo estava quase perdido. Foi o seu
cheiro. Quando se aproximou de mim, pareceu tão comum. O sangue
de metamorfo conferia-lhe algum apelo, mas nada de verdadeiramente
especial. E não lhe ofereci dinheiro. Depois, de repente... — Abanou a
cabeça e engoliu em seco.

— Porque aumentou de repente o seu apelo? — Pam mantinha-se
pragmática. — Espera. Peço desculpa. Não temos tempo para nos per-
dermos com porquês e comos. Teremos de sobreviver a esta noite. Os
três juntos — disse, olhando-me e a Eric. Acenei com a cabeça. Eric
moveu a sua. — Ótimo — disse. — Sookie, chegaste no momento cer-
to. A presença da rapariga aqui não foi accidental. Não tinha aquele
cheiro e aquele sabor por acidente. Aconteceram muitas coisas esta
noite que tresandam a conspiração. Minha amiga, terei de insistir. Será
necessário que esqueças dores pessoais por agora.

Fixei em Pam um olhar muito direto. Se não tivesse entrado no
quarto, Eric poderia ter drenado a rapariga e a própria rapariga pon-
derara essa possibilidade. Calculei que algo teria sido preparado para
apanhar Eric com as mãos na massa... ou com os caninos.

— Vai escovar os dentes — disse-lhe. — Escova-os muito bem.
Lava a cara. Uma e outra vez.

Eric não gostava que lhe dissessem o que fazer, mas compreendia
muito bem a urgência. Foi à casa de banho, deixando a porta aberta.
Pam disse:

— Vou verificar o que se passa com os nossos convidados espe-
ciais. — E desapareceu pelo corredor abaixo a caminho da sala, onde a
música baixa continuara sem interrupção.

Eric voltou ao quarto, secando a cara com uma toalha. Parecia
mais alerta, mais presente. Hesitou quando viu que estava sozinha. Os
problemas de relacionamento eram algo com que estava pouco fami-
liarizado. Pelas pequenas pistas e recordações que partilhava, percebi
que, durante séculos de aventuras sexuais, dera as ordens e as mulheres
tinham respondido: «Como queiras, meu viquingue grande e bonito.»
Tivera um ou outro caso com vampiros. Tinham sido ligações mais

equilibradas, mas breves. Era tudo o que sabia. Eric não se gabava. Limitava-se a considerar relacionamentos sexuais como algo adquirido.

Sentia-me realmente mais calma. Era positivo porque estava sozinha num quarto com alguém que quisera alvejar a tiro minutos antes. Apesar de já não estarmos ligados, Eric conhecia-me suficientemente bem para perceber que podia falar.

— Foi apenas sangue — disse. — Estava ansioso e faminto, chegaste tarde e não quis morder-te assim que te visse. Entrou enquanto esperava e pensei que poderia beber um pouco. O seu cheiro era tão inebriante.

— Então querias poupar-me — repliquei, sem tentar camuflar o sarcasmo nas palavras. — Compreendo. — A seguir, forcei-me a calar-me.

— Agi por impulso. — A sua boca comprimiu-se numa linha reta.

Pensei no que me dizia. Eu própria também agia por impulso, ocasionalmente. Por exemplo, nas escassas ocasiões anteriores em que me tinha sentido igualmente irritada ou magoada, afastara-me da situação. Não por querer ter a última palavra ou por querer fazer uma afirmação dramática, mas porque precisava de tempo sozinha para arrefecer. Inspirei fundo. Olhei Eric nos olhos. Percebi que ambos teríamos de fazer um enorme esforço para passar além daquilo, pelo menos naquela noite. Sem pensar nisso, identifiquei de repente o cheiro subtil que teria sido ampliado pelos sentidos de Eric.

— Tem sangue de metamorfo e foi salpicada com cheiro de sangue de fada para te fazer desejá-la mais — disse. — Acredito que terias pensado melhor sem isso. Foi uma armadilha. Veio aqui porque esperava ganhar muito dinheiro se te alimentasses dela e talvez para satisfazer o seu fetiche com a proximidade da morte.

— Conseguirás fingir que a nossa harmonia não foi melindrada durante o resto da noite? — perguntou Eric.

— Darei o meu melhor — respondi, tentando não soar amarga.

— Não posso pedir mais.

— Parece não ter qualquer dúvida de que conseguirás seguir em frente — referi. Mas, a seguir, fechei os olhos por um instante e usei todo o meu autocontrolo para me recompor e para recuperar coerência. — Se estou aqui para saudar oficialmente o Felipe e se veio para falar connosco acerca do «desaparecimento» do Victor, quando parará a algazarra na sala? E, para que saibas, estou muito chateada por causa da mesa.

— Eu também — afirmou, com alívio inconfundível. — Direi a Felipe que precisaremos de falar esta noite. Agora. — Baixou o olhar para mim. — Minha amada, não deixes que o orgulho te leve a melhor.

— Eu e o meu orgulho teríamos muito gosto em ir para o carro e voltar para casa — disse-lhe, esforçando-me por manter a voz baixa. — Mas suponho que eu e o meu orgulho faremos um esforço para ficar aqui e sobreviver à noite se conseguires que parem quietos durante tempo suficiente para tratarmos de assuntos sérios. Se não acontecer, podes despedir-te de mim e do meu orgulho.

Com isto, entrei na casa de banho e fechei a porta, de forma muito silenciosa e deliberada. Tranquei-a. Disse tudo o que tinha a dizer. Pelo menos durante algum tempo. Precisava de alguns segundos sem ninguém a olhar para mim.

Do outro lado da porta, apenas silêncio. Sentei-me sobre a tampa da sanita. Sentia-me tão cheia de emoções contraditórias que era como caminhar por um campo de minas com as minhas sandálias de salto alto decoradas com flores absurdas. Fitei as unhas dos pés garridas.

— Muito bem — disse, dirigindo-me aos dedos. — Muito bem. — Inspirei fundo. — Sabias que bebia sangue de outras pessoas. E sabias que «outras pessoas» poderia incluir outras mulheres. E sabias que algumas mulheres são mais novas, bonitas e magras que tu. — Se continuasse a repetir aquilo, acabaria por acreditar.

Santo Deus. «Saber» e «ver» eram duas coisas muito diferentes!

— Também sabes — continuei — que te ama. E que o amas — repeti, com severidade. — Passaste por tantas coisas com ele e provou uma e outra vez que estará disposto a fazer um esforço por ti.

Era verdade. Sim!

Repeti-o umas vinte vezes.

— Então — disse, num tom muito racional —, aqui está uma oportunidade para te elevares acima das circunstâncias, provares de que és feita e ajudares a salvar as vidas dos dois. E será isso o que farei porque a minha avó soube educar-me. Mas, quando isto chegar ao fim... — «Arranco-lhe a cabeça.» — Não. Nada disso — repreendi-me. — Falaremos do assunto.

«E, A SEGUIR, arranco-lhe a cabeça.»

— Talvez — disse, sentindo-me sorrir.

— Sookie — disse Pam do outro lado da porta. — Ouço-te a falar sozinha. Estás preparada?

— Estou — respondi, docemente. Levantei-me, sacudi-me e en-

saiei um sorriso ao espelho. Era medonho. Destranquei a porta. Testei o sorriso em Pam. Eric estava imediatamente atrás dela, talvez pensando que Pam absorveria o primeiro impacto se eu saísse disparada. — O Felipe está pronto para falar? — perguntei.

Pela primeira vez desde que a conhecera, Pam pareceu um pouco insegura quando me olhou.

— Hmm... sim — respondeu. — Está pronto.

— Ótimo. Vamos a isso. — Mantive o sorriso.

Eric olhou-me com cautela, mas não disse nada. Perfeito.

— O rei e o seu adido estão ali — explicou Pam. — Os outros transferiram a festa para um quarto do outro lado do corredor. — Para o provar, ouvi guinchos vindos do outro lado de uma porta fechada.

Felipe e o vampiro de queixo quadrado, o que vira bebendo o sangue de uma mulher, estavam sentados num sofá, lado a lado. Eric e eu ocupámos o sofá (manchado) colocado em ângulo reto e Pam instalou-se numa poltrona. A mesinha larga e baixa (com riscos frescos) que normalmente continha apenas algumas peças artísticas estava coberta com garrafas de sangue sintético e copos de *cocktail*, um cinzeiro, um telemóvel, alguns guardanapos amarrotados. Em vez da sua habitual beleza e formalidade ordeira, a sala parecia pertencer a uma espelunca das piores.

O condicionamento de muitos anos quase me impelia a vestir um avental e trazer um tabuleiro para limpar a mesa.

— Sookie, penso que não conhecerá Horst Friedman — disse Felipe.

Afastei os olhos da desordem para fitar o vampiro visitante. Horst tinha olhos estreitos e era alto e anguloso. O seu cabelo curto era castanho-claro e estava cortado rente. Não parecia saber sorrir. Os lábios eram rosados e os olhos azuis-claros. As cores delicadas contrastavam com a dureza das feições.

— É um prazer, Horst — disse, fazendo um enorme esforço para pronunciar o seu nome com clareza. O aceno de cabeça de Horst foi quase impercetível. Afinal, era apenas uma humana.

— Eric, vim ao teu território para discutir o desaparecimento do meu regente, Victor — afirmou Felipe. — Foi visto pela última vez nesta cidade, se pudermos chamar cidade a Shreveport. Suspeito que terás estado envolvido no seu desaparecimento. Não voltou a ser visto depois de se dirigir a uma festa privada no teu bar.

Lá se ia a possibilidade de Eric se justificar a Felipe com uma qualquer história forjada.

— Não admito nada — disse Eric, calmamente.

Felipe pareceu vagamente surpreendido.

— Mas também não negas a acusação.

— Se o tivesse matado, majestade — começou Eric, como se referisse a possibilidade de ter matado um mosquito —, não teria deixado indícios que me incriminassem. Lamento que vários elementos da comitiva de Victor também tenham desaparecido juntamente com o regente.

Não que Eric tivesse dado a Victor ou aos seus acompanhantes alguma hipótese de rendição. O único a quem fora oferecida a possibilidade de escapar à morte fora o seu novo guarda-costas, Akiro, e este rejeitara a oferta. O combate no *Fangtasia* fora uma ofensiva sem diálogo prévio, envolvendo litros de sangue, muitos desmembramentos e mortes. Tentei não recordar com demasiada clareza. Sorri e esperei a resposta de Felipe.

— Porque o fizeste? Não me juraste lealdade? — Pela primeira vez, a atitude de Felipe deixava de parecer casual. Aliás, parecia verdadeiramente severo. — Nomeei Victor o meu regente aqui no Louisiana. Nomeei-o... e sou o teu rei. — Com a intensificação do tom autoritário, notei que Horst parecia preparar-se para agir. E Pam também.

Houve um longo silêncio. Encaixava perfeitamente na expressão «silêncio carregado».

— Majestade, se tivesse feito tal coisa, existiriam eventualmente vários motivos — disse Eric. Voltei a respirar. — Jurei-te lealdade e sou-te leal, mas não posso assistir impávido enquanto alguém tenta matar a minha gente sem motivo válido... e sem uma discussão prévia comigo. Victor enviou os seus dois melhores vampiros para matar Pam e a minha esposa. — Colocou uma mão fria no meu ombro e esforcei-me para parecer perturbada. (Não era difícil.) — Só porque Pam é uma lutadora exímia e porque a minha esposa se sabe defender, conseguiram escapar — afirmou Eric, solenemente.

Deu-nos um momento para ponderarmos. Horst parecia cético, mas Felipe limitara-se a arquear as sobrancelhas escuras. Acenou afirmativamente, transmitindo a Eric que devia prosseguir.

— Apesar de não admitir ser culpado pela sua morte, Victor também me atacava (e, portanto, também a ti, meu rei) do ponto de vista económico. Instalou novos bares no meu território e guardou a gestão,

as contratações e o lucro desses novos bares exclusivamente para si, o que também vai contra qualquer precedente. Duvidei que te entregasse a tua parcela dos lucros. Também acreditei que tentava sabotar-me, transformando um dos teus vassallos mais lucrativos num elemento dispensável. Ouvi muitos rumores a xerifes de outras áreas, incluindo alguns que trouxeste do Nevada, de que Victor negligenciava todos os seus negócios no Louisiana para se aplicar exclusivamente nesta estranha vingança contra mim e contra os meus.

Não consegui ler nada na expressão de Felipe.

— Porque não me procuraste com as tuas queixas? — perguntou o rei.

— Fi-lo — respondeu Eric, calmamente. — Liguei duas vezes para os teus escritórios e falei com Horst, pedindo-lhe que levasse estes assuntos à tua atenção.

Horst endireitou um pouco mais as costas.

— É verdade, Felipe. Como...

— E porque não me transmitiste as preocupações de Eric? — interrompeu Felipe, virando-se para Horst.

Esperei que parecesse nervoso. Ao invés, pareceu surpreso.

Talvez o convívio longo com vampiros me tenha tornado cínicca, mas senti-me quase certa de que Horst tinha transmitido as preocupações de Eric e Felipe teria decidido que Eric deveria resolver os seus problemas com Victor pelos seus próprios meios. E Felipe lançava Horst às feras, sem qualquer prurido, para poder manter a aparência.

— Majestade — disse-lhe —, lamentamos muito o desaparecimento de Victor, mas talvez não lhe tenha ocorrido que também o prejudicava a si. — Olhei-o. Com tristeza. E arrependimento.

Seguiu-se um momento de silêncio. Os quatro vampiros olharam-me como se lhes tivesse oferecido um balde de entranhas de porco. Esforçara-me para parecer simples e sincera.

— Não era o meu vampiro preferido — disse Felipe, após um impasse que me pareceu demorar umas cinco horas. — Mas era muito útil.

— Estou certa que terá notado — comecei — que, no caso do Victor, «útil» era sinónimo de «sorvedouro de dinheiro». Porque ouvi contar a pessoas que trabalham no *Vic's Redneck Roadhouse*, por exemplo, que eram mal pagos e trabalhavam de mais, o que provocava despedimentos e contratações frequentes. Isso nunca é positivo para o negócio. Alguns vendedores não eram pagos e o *Vic's* também deve

dinheiro ao fornecedor. — (Duff partilhara isso comigo duas entregas antes.) — Apesar de ter começado bem e de ter roubado clientes a todos os bares das redondezas, não conseguem os clientes frequentes de que precisam para manter um sítio tão grande e sei que as receitas caíram. — Era apenas um palpite, mas estava certa. Percebi-o pela cara de Horst. — O mesmo se aplica ao seu bar de vampiros. Porquê roubar clientes ao *Fangtasia*, o sítio preferido pelos turistas? A multiplicação nem sempre traz crescimento.

— Dá-me uma lição de economia? — Felipe inclinou-se para diante, ergueu uma das garrafas abertas de *TrueBlood* e bebeu, sem nunca afastar os olhos da minha cara.

— Não, majestade. Nunca faria tal coisa. Mas sei o que acontece a nível local, talvez porque as pessoas falam comigo ou porque ouço o que pensam. Claro que dizer tudo isto acerca do Victor não significa que saiba o que lhe aconteceu. — Sorri-lhe, gentilmente. «Sua mentirosa de merda.»

— Eric, apreciaste a jovem? Quando entrou, disse que tinha sido chamada para te servir — disse Felipe, sem tirar os olhos de mim. — Surpreendeu-me por me parecer que casaste com a menina Stackhouse. Mas achei que seria uma mudança apetecível. Tinha um odor tão interessante. Se não te tivesse sido reservada, talvez ficasse com ela para mim.

— De bom grado ta cederia — disse Eric, com a voz completamente vazia.

— Disse que tinha sido chamada? — Fiquei intrigada.

— Foi o que disse — replicou Felipe. Os seus olhos fixavam-se na minha cara como se fosse um falcão e eu um rato candidatando-se à sua refeição.

Por um lado, aquilo intrigava-me. A minha chegada tinha sido intencionalmente atrasada e a rapariga disse que tinha sido chamada especialmente para Eric... mas, por outro lado, estava ocupada a lamentar ter salvado a vida de Felipe quando um dos guarda-costas de Sophie-Anne se preparava para o matar. Lamentava-o profundamente. Obviamente, tentava salvar Eric e Felipe fora salvo apenas em consequência disto, mas, mesmo assim... Voltando ao ponto de partida, percebi que nada daquilo batia certo. Ampliei ainda mais o sorriso que dirigia a Felipe.

— És básica? — perguntou Horst, incrédulo.

«Estou basicamente farta de ti», pensei, não me acreditando capaz de falar.

Felipe disse:

— Horst, não confundas a alegria aparente da menina Stackhouse com algum tipo de déficit mental.

— Sim, majestade. — Horst tentou parecer arrependido, mas não conseguiu ter grande sucesso.

Felipe olhou-o com severidade.

— E devo recordar-te... A não ser que me engane muito, a menina Stackhouse terá eliminado Bruno ou Corinna. Nem Pam teria conseguido lidar com os dois ao mesmo tempo.

Continuei a sorrir.

— Qual deles foi, menina Stackhouse?

Novo silêncio carregado. Desejei que tivéssemos música de fundo. Qualquer coisa seria preferível ao silêncio.

Pam agitou-se e olhou-me quase de forma arrependida.

— Bruno — disse. — Sookie matou Bruno e eu ocupei-me de Corinna.

— Como fez isso, menina Stackhouse? — perguntou Felipe. Até Horst pareceu interessado e impressionado, o que não era positivo.

— Foi mais ou menos por acidente.

— É demasiado modesta — murmurou o rei, cético.

— A sério que sim. — Recordava a chuva intensa, o frio e os carros parados na berma da interestadual numa noite escura terrível. — Chovia a cântaros nessa noite — disse, baixando a voz. Rebolando sem parar para a valeta cheia de água gelada, um esforço desesperado para alcançar a faca de prata, cravando-a em Bruno.

— Foi o mesmo tipo de acidente que a fez matar Lorena? Ou Sigebert? Ou a metamorfa?

Uau. Como soubera de Debbie? Ou talvez se referisse a Sandra? E a lista nem sequer estava completa.

— Sim. Foi esse tipo de acidente.

— Apesar de não me poder queixar quanto a Sigebert, pois estava muito perto de me matar — recordou Felipe, como se quisesse ser absolutamente justo.

Finalmente!

— Receava que tivesse esquecido essa parte — murmurei. Talvez tenha soado um tudo-nada sardónica.

— Prestou-me um grande serviço — disse. — Apenas tento decidir a que ponto se tornou um incómodo.

— Ora! — Sentia-me muito irritada. — Não lhe fiz nada que não pudesse ter evitado, resolvendo o problema sozinho.

Pam e Horst pestanejaram, mas vi que Felipe me compreendeu.

— Afirmas que, se eu tivesse sido mais... proativo, Bruno e Corinna não teriam atentado contra a sua integridade? E Victor teria permanecido em Nova Orleães, onde deveria ter ficado como regente, permitindo a Eric governar a Área Cinco como sempre o fez?

Consegui resumir o miolo da questão, como teria dito a minha avó. Mas (pelo menos naquela ocasião), mantive a boca fechada.

A meu lado, Eric mantinha-se rígido como uma estátua.

Não percebi ao certo o que aconteceu a seguir, mas Bill surgiu subitamente vindo da cozinha. Parecia tão alvoroçado como alguma vez o vira.

— Há uma rapariga morta no jardim — disse. — E a polícia está aqui.

Sucederam-se várias reações na face de Felipe em poucos segundos.

— Nesse caso, Eric, como proprietário da casa, deverá ir falar com os digníssimos agentes — considerou. — Vamos arrumar as coisas por aqui. Convida-os a entrar.

Eric já estava de pé. Chamou Mustapha, que não veio. Trocou um olhar preocupado com Pam. Sem me olhar, moveu a mão para trás e dei-lhe a minha. Chegara o momento de cerrar fileiras.

— Quem é a morta? — perguntou a Bill.

— Uma morena magra — respondeu. — Humana.

— Marcas de caninos no pescoço? Vestido garrido? Em tons de verde e rosa? — perguntei, sentindo crescer o receio.

— Não me aproximei tanto — respondeu Bill.

— Como soube a polícia que havia um cadáver? — perguntou Pam. — Quem os chamou? — Aproximámo-nos da porta da frente. Consegui ouvir o barulho lá fora. Com as cortinas corridas, não conseguimos ver as luzes. Espreitei-os pelo vão no pano pesado.

— Não ouvi um grito ou outro tipo de alarme — disse Bill. — Não sei o que poderá ter levado um vizinho a chamá-los... Mas alguém o fez.

— Não terás sido tu a convocar a polícia por algum motivo? — perguntou Eric. A sala encheu-se com o cheiro do perigo.

Bill pareceu surpreso. Ou seja, as suas sobrancelhas elevaram-se um milímetro e franziu a testa.

— Não me ocorre motivo nenhum para fazer tal coisa. Além disso... como estava lá fora de vigia, serei obviamente um suspeito.

— Onde está Mustapha? — perguntou Eric.

Bill fitou-o.

— Não faço ideia — respondeu. — Patrulhava o perímetro, como disse, no início da noite. Não o vejo desde que a Sookie chegou.

— Vi-o na cozinha — expliquei. — Falámos. — Uma presença chamou-me a atenção. — Há um cérebro à porta — disse.

Eric caminhou até à porta pouco usada e, porque continuava a segurar-me a mão, fui atrás dele. Abriu a porta e a mulher de pé no alpendre foi surpreendida com o punho erguido, preparada para bater.

Ergueu o olhar para Eric e consegui ler-lhe os pensamentos. Para aquela mulher, era belo, nojento, repelente e estranhamente fascinante. O «belo» e o «fascinante» não lhe agradavam. Também não gostava de ser surpreendida.

— Sr. Northman? — disse, deixando a mão cair como uma pedra. — Sou a detetive Cara Ambroselli.

— Detetive Ambroselli, parece já saber quem sou. Esta é a minha amada, Sookie Stackhouse.

— Há mesmo uma pessoa morta no jardim? — perguntei. — Quem é? — Não tive de fingir curiosidade e ansiedade na voz. Queria muito saber.

— Esperávamos que pudessem ajudar-nos com isso — disse a detetive. — Estamos bastante seguros de que a mulher saía da sua casa, Sr. Northman.

— O que vos leva a pensar isso? De certeza que era esta casa? — perguntou Eric.

— Dentada de vampiro no pescoço, roupa de festa, o seu jardim. Sim, de certeza — disse Ambroselli, secamente. — Se pudesse seguir-me, pisando só o caminho de pedras...

As pedras, dispostas a intervalos regulares na erva, serpenteavam até à rampa. O verde-escuro e o rosa intenso da murta combinavam com o rosa e verde do vestido da morta. Estava deitada junto à raiz dos arbustos, um pouco inclinada para o seu lado esquerdo, numa posição perturbadoramente semelhante à que adotara no colo de Eric quando a vira pela primeira vez. O cabelo escuro caíra-lhe sobre o pescoço.

— É a mulher que ninguém conhecia — disse eu. — Pelo menos, acho que sim. Só a vi por um minuto. Não me disse como se chamava.

— Qu fazia quando a viu?

— Doava sangue ao meu namorado — respondi.

— Doava sangue?

— Sim. Disse-nos que o tinha feito antes e que teria muito gosto em ser doadora — expliquei, mantendo a voz calma e direta. — Mas voluntariou-se. Sem dúvida.

Um momento de silêncio.

— Está a gozar comigo — disse Cara Ambroselli, mas não como se estivesse minimamente divertida. — Limitou-se a olhar enquanto o seu namorado sugava o pescoço de outra mulher? Enquanto isso... o que fazia?

— É uma questão de comida e não de sexo — disse eu, contornando o que sentia realmente. Era uma questão de comida, mas, com grande frequência, era também uma questão de sexo, sem dúvida. — Falei de coisas de mulheres com a Pam. — Procurei-a com o olhar e dirigi-lhe um sorriso. Pretendia que fosse «encantador».

Pam respondeu com um olhar neutro. Conseguia imaginá-la a olhar para gatinhos mortos da mesma forma. Disse:

— Adoro a cor das unhas dos pés de Sookie. Falámos de pedicuras.

— Então falaram de unhas enquanto o Sr. Northman se alimentava desta mulher na mesma divisão. Ternurento! E depois, Sr. Northman? Depois do seu pequeno lanche, deu-lhe dinheiro e mandou-a à sua vida? Pediu ao Sr. Compton para a escoltar até ao carro?

— Dinheiro? — repetiu Eric. — Detetive, chama rameira a esta pobre mulher? Claro que não lhe dei dinheiro. Chegou, ofereceu-se, disse que tinha de ir e foi.

— Que ganhou com a vossa pequena transação?

— Desculpe, detetive. Posso responder a isso — intrometi-me. — Doar sangue é muito agradável. Normalmente. — Claro que isso dependia da vontade do vampiro que mordia. Olhei para Eric de relance. No passado, mordera-me sem tentar que fosse divertido e doera como o raio.

— Então porque não fez a doação, menina Stackhouse? Porque deixou a falecida divertir-se a alimentá-lo?

Bolas! Que persistente.

— Não posso dar-lhe sangue com a frequência com que o Eric precisa dele — afirmei. Parei por aí. Corria o risco de explicar demasiado.

O pescoço de Ambroselli moveu-se e dirigiu a pergunta seguinte a Eric.

— Mas consegue sobreviver com uma bebida de sangue sintético, Sr. Northman. Porque mordeu a rapariga?

— Sabe melhor — respondeu Eric. Um dos policiais fardados cuspiu no chão.

— Decidiu que gostaria de provar, Sr. Compton? Já que a garrafa estava aberta?

Bill pareceu algo enojado.

— Não, senhora. Não teria sido seguro para a jovem.

— De qualquer forma, parece-me que não estava segura. E nenhum de vós sabe o seu nome ou como chegou aqui? Porque veio a esta casa? Não ligaram para algum tipo de serviço de entregas de sangue ao domicílio... algo como uma agência de acompanhantes para vampiros?

Todos abanámos a cabeça ao mesmo tempo, respondendo negativamente a todas as perguntas em simultâneo.

— Pensei que teria vindo com os meus outros convidados de fora da cidade — disse Eric. — Trouxeram alguns amigos novos que conheceram num bar.

— Esses convidados estão lá dentro?

— Sim — respondeu Eric. Pensei: «Oh Deus, espero que o Felipe os tenha tirado do quarto.» Mas era óbvio que a polícia teria de falar com eles.

— Nesse caso, entremos para conhecer os convidados — disse a detetive Ambroselli. — Opõe-se à nossa entrada, Sr. Northman?

— De modo algum — disse Eric, em tom cortês.

Regressei à casa acompanhada por Bill, Eric e Pam. A detetive foi à frente como se a casa lhe pertencesse. Eric permitiu-lho. O contingente de Las Vegas teria tido tempo para limpar, esperava, tendo ouvido o que Ambroselli dissera quando Eric abriu a porta.

Para meu alívio, a sala parecia muito mais ordeira. Havia algumas garrafas de sangue sintético, mas estavam todas colocadas ao lado de um vampiro sentado. As grandes janelas ao fundo tinham sido abertas e a qualidade do ar era muito melhor. Até o cinzeiro desaparecera e alguém posicionara uma grande taça sobre os piores riscos na mesinha.

Todos os vampiros e humanos, devidamente vestidos, estavam reunidos na sala. As suas expressões eram sérias.

Mustapha não estava entre eles.

Onde estaria?

Teria simplesmente decidido que não queria falar com a polícia

e, por isso, partira? Ou teria alguém entrado pelas portas envidraçadas da cozinha, fazendo alguma coisa atroz ao imitador de Blade?

Talvez Mustapha tivesse ouvido alguma coisa suspeita no exterior, saindo para investigar. Talvez o assassino ou assassinos o tivessem atacado quando saiu e fosse por esse motivo que ninguém ouvira nada. Mas Mustapha era tão duro que não conseguia imaginar alguém a conseguir emboscá-lo com sucesso.

Mesmo que «Mustapha» não receasse nada, o seu nome anterior era KeShawn Johnson e era um ex-presidiário. Não sabia que crime cometera, mas sabia que era algo de que se envergonhava. Fora por isso que mudara de nome e de profissão depois de cumprir a pena. A polícia não o conheceria como Mustapha Khan... mas saberiam que era KeShawn Johnson assim que lhe recolhessem as impressões digitais e ele receava voltar para a prisão.

Como desejava poder transmitir tudo aquilo a Eric.

Não acreditava que Mustapha tivesse matado a mulher no jardim. Por outro lado, nunca conseguira entrar-lhe por completo na cabeça por ser um lobisomem. Mas também nunca captara agressividade descontrolada ou violência arbitrária. Pelo contrário, a principal prioridade de Mustapha sempre me parecera ser o controlo.

Acreditava que a maioria de nós poderia ceder a momentos de raiva, momentos em que somos pressionados até ao ponto em que explodimos para aliviar a pressão. Mas estava segura de que Mustapha estava habituado a um tratamento muito pior do que qualquer coisa de que a rapariga fosse capaz.

Enquanto me preocupava com Mustapha, Eric apresentava os convidados à detetive Ambroselli.

— Felipe de Castro — disse, motivando um aceno de cabeça régio a Felipe. — O seu assistente, Horst Friedman. — Para minha surpresa, Horst ergueu-se e apertou-lhe a mão. Apertos de mão não eram um hábito vampiro. Eric prosseguiu. — Esta é a consorte de Felipe, Angie Witherspoon. — Era a terceira vampira do Nevada. A ruiva.

— Muito gosto — disse Angie, acenando com a cabeça.

Quando a vira pela última vez, Angie Witherspoon dançava sobre a mesinha, desfrutando da apreciação de Felipe. Agora, a ruiva vestia uma saia justa cinzenta, uma blusa sem mangas verde com minúsculos folhos na gola e calçava sapatos com saltos de sete centímetros. As suas pernas pareciam não ter fim. Estava fantástica.

Quando Eric se voltou para os humanos para os apresentar, hesi-

tou. Era claro que não sabia o nome do homem musculado, mas, antes que o momento se tornasse embaraçoso, o homem estendeu um braço grosso e apertou a mão da detetive de forma muito delicada.

— Thad Rexford — disse. Ambroselli escancarou a boca.

O polícia fardado que entrara atrás dela exclamou, deleitado:

— Uau! T-Rex!

— Uau — repetiu Ambroselli, esquecendo a postura severa.

Todos os vampiros pareceram completamente indiferentes, mas outra humana presente, uma jovem de vinte anos roliça e atraente com cabelo castanho-claro que Kennedy Keyes teria aprovado pareceu orgulhosa, como se estar no mesmo grupo lhe elevasse o estatuto.

— Cherie Dodson — disse, com uma voz surpreendentemente infantil. — Esta é a minha amiga Viveca Bates. Que se passa lá fora? — Cherie era a mulher que vira enrolada com T-Rex. Viveca, igualmente curvilínea mas com cabelo ligeiramente mais escuro, oferecera o seu «donativo» a Felipe.

A detetive Ambroselli recuperou rapidamente da surpresa de conhecer uma estrela da luta livre na casa de um vampiro e mostrou-se duplamente agressiva por não ter conseguido conter o seu momento de admiração.

— Há uma mulher morta lá fora, menina Dodson. É isso que se passa. Terão de permanecer aqui para serem questionados. Em primeiro lugar, as senhoras trouxeram uma terceira mulher convosco? — A detetive dirigia-se claramente às humanas. Ou melhor, a todas as humanas além de mim.

— Estas duas senhoras encantadoras estavam comigo no casino — disse T-Rex.

— Em que casino? — Ambroselli apreciava detalhes.

— O *Trifecta*. Encontrámos o Felipe e o Horst no bar e conversámos entre copos. O Felipe teve a amabilidade de nos convidar para a bela casa do Sr. Northman. — O lutador parecia completamente à vontade. — Tínhamos saído para nos divertirmos. Não trouxemos mais ninguém connosco.

Cherie e Viveca abanaram a cabeça.

— Éramos só nós — disse Viveca, dirigindo a Horst um olhar tímido de soslaio.

— A vítima entrou nesta casa, segundo afirma o Sr. Northman, mas parece não saber quem era. — O tom de Cara Ambroselli deixava claro o que pensava de homens que bebiam o sangue de mulheres que

não conheciam. Ao mesmo tempo, lançava dúvidas sobre a afirmação de Eric de que não conhecera a morta. Era muito conteúdo para uma frase só, mas conseguiu.

Erguia-me imediatamente atrás dela e conseguia captar muito bem o que pensava. Era simultaneamente ambiciosa e dura, atributos necessários para evoluir no mundo policial, sobretudo para uma mulher. Fora agente de ronda, notabilizara-se pela sua coragem ao salvar uma mulher de uma casa em chamas, partira um braço enquanto tentava deter um suspeito de roubo, mantinha a cabeça baixa e a sua vida social era discreta. Depois de chegar a detetive, queria brilhar.

Abarrotava de informação.

Admirava-a, de certa forma. Esperei que não nos tornássemos inimigas.

Cherie Dodson disse:

— Digam-me que não tem um vestido verde e rosa. — A entoação amorosa e divertida abandonou-lhe a voz por completo.

— É o que veste — disse a detetive. — Conhece-a?

— Conheci-a esta noite — explicou Cherie. — Chama-se Kym. Kym com ípsilon, foi o que me disse. Acho que o último nome é Rowe. T-Rex, lembraste dela?

Ele baixou os olhos como se se esforçasse muito para recordar. O cabelo platinado deixava perceber as raízes escuras. A cara cobria-se com um início de barba castanha-arruivada e a camisola de manga curta preta justa deixava perceber que o peito estava depilado. Pensei que sentia alguma ambivalência acerca dos seus pelos, mas a musculatura fascinava-me um pouco, tinha de admitir. Havia músculos salientes por toda a parte, mesmo no pescoço. Ergui os olhos e vi que Eric fixava em mim um olhar gelado. Grande coisa, considerando o que acontecera.

— Bebi bastante esta noite, menina Ambroselli — disse o lutador com desconsolo encantador. — Mas lembro-me do nome. Por isso, deve ter-me sido apresentada. Cherie, querida, estava no bar?

— Não, querido. Aqui. Enquanto dançávamos, entrou pela sala dentro. Perguntou onde estava o Sr. Northman.

— Como chegou aqui esta Kym? — perguntou Ambroselli. Antes, olhou-me. Não soube porquê.

Encolhi os ombros.

— Já cá estava quando cheguei — disse.

— Onde estava?

— Dava sangue ao Eric no primeiro quarto à esquerda depois da casa de banho.

— Convidou-a? — perguntou Ambroselli a Eric.

— Para a minha casa? Não. Como disse, nunca a vi antes... que me recorde. Certamente saberá que sou proprietário do *Fangtasia* e muitas pessoas passam pelo bar, claro. Fui para o quarto de Sookie porque queria falar em privado com ela antes de... antes de recebermos os nossos convidados. Esta mulher, esta Kym, veio ao quarto. Disse que Felipe a enviara como presente.

A detetive nem sequer fez uma pergunta a Felipe. Limitou-se a mover os seus olhos escuros para ele. O rei abriu as mãos de forma jovial.

— Parecia perdida — disse, com um sorriso. — Perguntou-me se conhecia Eric. Disse-lhe onde poderia encontrá-lo. Sugeri que fosse até ele e lhe perguntasse se queria uma bebida. Pensei que se sentisse solitário sem Sookie.

— Viu a chegada da rapariga morta? Sabe como chegou ou o que a trouxe aqui? — perguntou Ambroselli a Pam.

— Os nossos outros convidados entraram pela porta da frente, como seria correto. Suponho que esta Kym tenha entrado pela cozinha — disse Pam, encolhendo os ombros com elegância. — Eric enviou-me numa incumbência e não a vi chegar.

— Não envie — disse Eric. — Que incumbência?

— Mustapha disse-me que querias que fosse comprar mais rum — explicou Pam. — Não foi verdade?

Eric abanou a cabeça.

— Não te enviaria a ti com Mustapha presente — disse. — Ofereces melhor proteção que ele.

— Passarei a confirmar daqui em diante — prometeu Pam. A sua voz era fria. — Presumi que a ordem fora tua e fui imediatamente à loja. Quando voltei, verifiquei a sala para assegurar que tudo estava bem e ouvi Sookie entrar. Porque sabia que estavas ansioso pela sua chegada e porque sabia que estavas no quarto, levei-a lá.

Estava rodeada por transmissões múltiplas. O cérebro de Ambroselli era o mais atarefado, naturalmente. T-Rex congratulava-se por ter o seu agente na marcação rápida do telemóvel e pensava no efeito que aquele incidente teria na sua imagem. Viveca e Cherie estavam incrivelmente excitadas. Não tinham imaginação suficiente para se sentirem aliviadas por não ser seu o corpo no jardim. E a minha

cabeça girava com a intensidade das emoções que emanavam de tantas cabeças.

— Sr. Compton, tenho algumas perguntas para si — disse Ambroselli. — Viu a vítima chegar?

— Não vi — respondeu Bill, cheio de certeza. — Deveria ter visto. Cabia-me vigiar a fachada da casa. Mas não a vi sair de um carro ou aproximar-se a pé. Terá vindo pelo portão das traseiras, subindo a colina para se esgueirar junto à parede e entrar pela garagem. Ou talvez tenha entrado pelas portas envidraçadas que dão acesso à cozinha e à sala. Apesar de estar seguro de que os outros convidados teriam notado a sua chegada.

Várias cabeças acenaram em concordância. Ninguém a vira entrar de qualquer forma.

— E não a conhecia? Nunca a tinha visto? — perguntou Ambroselli a Pam.

— Como Eric referiu, pode ter ido ao *Fangtasia*. Não me lembro de a conhecer aí ou sequer de a ter visto.

— Há câmaras de vigilância no *Fangtasia*?

Houve um momento de silêncio.

— Não permitimos qualquer tipo de câmara no *Fangtasia* no horário de funcionamento do bar — explicou Eric, sem hesitações. — Se os clientes desejarem fotografias, um fotógrafo da casa estará à sua disposição para captar o momento.

— Deixem-me ver se percebi — começou Ambroselli. — Esta casa pertence-lhe, Sr. Northman. — Apontou do chão para Eric. — E é o proprietário do *Fangtasia*. A menina... Ravenscroft trabalha para si como gerente do bar. Não vive nesta casa. A menina Stackhouse, de Bon Temps, é a sua namorada. Também não vive aqui. O Sr. Compton (que também trabalha ocasionalmente para si?) também reside em Bon Temps.

Eric acenou afirmativamente.

— Precisamente, detetive. — Bill pareceu aprovar. Pam pareceu entediada.

— Se puderem sentar-se à mesa de jantar — e os olhos da polícia expressaram prazer sardónico por constatar que um vampiro tinha uma mesa de jantar —, falarei com estes senhores. — Esboçou um sorriso desagradável aos vampiros visitantes.

Pam, Eric, Bill e eu sentámo-nos à mesa. A escuridão do outro lado das janelas atrás de mim enervava-me.

— Sr. de Castro, Sr. Friedman, menina Witherspoon — disse Ambroselli. — Vieram os três de visita de... Las Vegas, correto? — Os três vampiros, ostentando sorrisos de aprovação idênticos, acenaram afirmativamente em uníssono. — O Sr. de Castro, é proprietário de um negócio em Las Vegas... O Sr. Friedman é seu assistente... e a menina Witherspoon é a sua namorada. — Moveu os seus olhos de Eric, Pam e de mim para o trio de Las Vegas, encontrando um paralelismo claro.

— Assim mesmo — disse Felipe, como se encorajasse uma criança atrasada.

O olhar de Ambroselli transmitia-lhe que acabara de entrar para a sua lista negra. Passou ao trio seguinte.

— Sr. Rexford, menina Dodson e menina Bates. Expliquem-me outra vez porque vieram aqui. Conheceram o Sr. de Castro e os seus acompanhantes no bar do *Trifecta*?

— Namoro com o T-Rex há algum tempo — disse Cherie. O lutador enorme rodeou-a com um braço. — E a Viveca é a minha melhor amiga. Bebíamos um copo e conhecemos o Felipe e os seus amigos no bar. Começámos a falar. — Sorriu para exhibir as covinhas. — Disse-nos que vinham visitar o Eric aqui e convidaram-nos para vir também.

— Mas a morta não estava convosco no bar do casino.

— Não — respondeu T-Rex, em tom grave. — Nunca a vimos no *Trifecta* ou noutra sítio qualquer antes de virmos a esta casa.

— Havia mais alguém aqui quando chegaram? — perguntou a detetive Ambroselli diretamente a Eric.

— Sim — respondeu. — O meu assistente diurno, Mustapha Khan. — Movi-me, nervosa, a seu lado, merecendo-lhe um olhar rápido.

Ambroselli pestanejou.

— O que é um assistente diurno?

— É outro tipo de assistente — disse, intrometendo-me na conversa. — O Mustapha faz as coisas que o Eric não pode fazer, coisas que exigem sair durante o dia. Vai aos correios, vai buscar coisas à tipografia, vai à lavandaria, compra mercearias para a casa, abastece os carros e leva-os à revisão.

— Todos os vampiros têm um assistente diurno?

— Os que têm sorte — respondeu Eric, com o seu sorriso mais encantador.

— Sr. de Castro, tem um assistente diurno? — perguntou-lhe Ambroselli.

— Tenho. E espero que esteja empenhado no trabalho no Nevada — disse Felipe, irradiando bonomia.

— E o Sr. Compton?

— Tenho a felicidade de ter uma vizinha prestável que me ajuda com tarefas diurnas — disse Bill. (Falava de mim.) — Pretendo contratar alguém para não abusar da sua boa vontade.

A detetive voltou-se para o agente fardado atrás dela e deu ordens que os vampiros terão conseguido ouvir, mas eu não. No entanto, conseguia ler-lhe os pensamentos e soube que dizia ao agente para procurar um homem chamado Mustapha Khan que parecia ter desaparecido e que o nome provável da vítima seria Kym Rowe, instruindo-o ainda a verificar a lista de pessoas desaparecidas para ver se constava. Um polícia à paisana, outro detetive, entrou e levou Ambroselli ao alpendre dianteiro.

Enquanto lhe segredava ao ouvido, soube que todos os vampiros se esforçariam para ouvir o que lhe dizia. Mas eu conseguia ouvi-lo no seu cérebro. Pam tocou-me no braço e virei-me para ela. Ergueu as sobrancelhas, questionando-me sem palavras. Acenei afirmativamente. Sabia o que lhe dizia.

— Preciso de falar com todos vós individualmente — disse Ambroselli, voltando-se novamente para nós. — A equipa de recolha de pistas precisa de revistar a casa. Importam-se de me acompanhar à esquadra?

Eric pareceu irritado.

— Não quero que me revistem a casa. Porque o fariam? — perguntou. — A mulher morreu no exterior. Nem sequer a conhecia.

— Mas não teve qualquer problema em beber-lhe o sangue — disse Ambroselli.

«Um excelente ponto», pensei, sentindo-me tentada a sorrir durante um nanossegundo.

— Não saberemos onde morreu até revistarmos a sua casa, senhor — prosseguiu Ambroselli. — Tanto quanto sei, podem encobrir um crime ocorrido aqui mesmo nesta sala. — Tive de reprimir um impulso para olhar em redor de forma culpada.

— Eric, Sookie e eu estivemos juntos desde que essa mulher saiu do quarto até virmos aqui conversar com Felipe e com os seus amigos — disse Pam.

— E nós estivemos juntos até Eric, Pam e Sookie voltarem do quarto — apressou-se a dizer Horst, o que não era verdade. Qualquer

um dos vampiros do Nevada ou os seus engates humanos poderiam ter saído para se livrarem de Kym.

Pelo menos Pam dizia a verdade.

A seguir, recordei que passara pelo menos dez minutos fechada na casa de banho. Sozinha.

Presumi que Pam teria ficado à porta da casa de banho. Presumi que Eric teria ido à sala informar Felipe e a sua comitiva de que chegara o momento de discutir o assunto que os trouxera ali. Teria sugerido que os convidados humanos passassem para o outro quarto enquanto conversávamos.

Fora isso que presumira.

Mas não tinha forma de saber ao certo.